



A imprensa como bastião da escrita feminina:

*estudos no contexto sul-rio-grandense
e português*

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
ISABEL MARIA DA CRUZ LOUSADA**

43



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**A imprensa como bastião
da escrita feminina:
estudos no contexto sul-rio-
grandense e português**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

José Eduardo Franco

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Vania Pinheiro Chaves

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves
Isabel Maria da Cruz Lousada

A imprensa como bastião da escrita feminina: estudos no contexto sul-rio- grandense e português



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2021

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo
Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: A imprensa como bastião da escrita feminina: estudos no contexto sul-rio-grandense e português
- Autores: Francisco das Neves Alves e Isabel Maria da Cruz Lousada
- Coleção Rio-Grandense, 43
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Julho de 2021

ISBN – 978-65-89557-34-0

CAPA:

- Retratos de Julieta de Melo Monteiro (em sua lápide) e de Adelaide Cabete.

Apresentação

Desenvolvendo trabalhos conjuntos por razoável tempo, Isabel Lousada e Francisco das Neves Alves tiveram oportunidades, na execução de estágios de pós-doutorado e em outras atividades, de aprofundar pesquisas múltiplas que têm trazido profícuos resultados.

No ano de 2021, Isabel Lousada realizou Estágio Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, com a supervisão de Francisco Alves, ocasião que serviu para aprofundar aqueles laços acadêmicos.

Ambos tiveram a oportunidade de ministrar, “a quatro mãos”, a disciplina de *História da imprensa*, para alunos do Mestrado e do Doutorado do citado programa. Tal disciplina, existente desde as origens do Curso, mantém a característica de funcionar como uma espécie de “guarda-chuva”, contemplando um conteúdo básico, mas voltando-se também a estudos de caso específicos. Tendo em vista a especialidade de Isabel Lousada e a orientação de boa parte dos projetos conjuntos mantidos pelos dois pesquisadores, a opção desta vez foi pelo estudo da Escrita Feminina associada à imprensa.

Vários textos da lavra dos dois autores foram utilizados ao longo da ministração de *História da imprensa* e a boa recepção do corpo discente motivou os pesquisadores a apresentarem alguns desses artigos, retomados, adaptados, renovados e/ou ampliados, na forma de livro.

Dessa proposta resultou esta publicação, cujo título *A imprensa como bastião da escrita feminina: estudos no contexto sul-rio-grandense e português* faz alusão a uma frase

proferida por Isabel Lousada em uma das aulas – “a imprensa é o bastião da escrita feminina” – e que serve como fundamento lapidar para demarcar as profundas inter-relações entre a Escrita Feminina e as lides jornalísticas.

SUMÁRIO

Imprensa: amplificador da voz feminina.....13

***A Violeta*: imprensa literária e feminina no sul do
Brasil - a escritora Julieta de Melo Monteiro,
editora e poetisa.....21**

**A batalha de Adelaide Cabete em *A Batalha* -
higienismo no feminino.....85**

Imprensa: amplificador da voz feminina

Isabel Maria da Cruz Lousada*

“A propósito da lei contra a imprensa, falaram largamente na Câmara dos Pares, dois ex-ministros do Estado, os srs. Hintze Ribeiro e José de Alpoim. Suas excelências protestaram contra a lei apresentada pelo governo e até com vigor. Palavra que gostámos dos seus discursos, suficientes a derrubar o projecto, se na câmara estivessem mais homens e menos subservientes. Mas porque amamos mais a liberdade do que os discursos de suas excelências, devemos dizer que estranhámos profundamente que esses dois políticos se armassem em paladinos da liberdade - tantas vezes ofendida por eles. A imprensa foi perseguida escandalosamente, pelo sr. Alpoim nos seus tempos de ministro da justiça e nos tempos do sr. Hintze foi assaltada. Pois agora esses dois homens vão ao parlamento e atacam a lei da regeneração liberal, tão reaccionária ela é!

* Isabel Maria da Cruz Lousada (n. 1962 em Lisboa) é Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (1984), Mestre (1889) e Doutora (1999) em Estudos Comparados - Anglo Portugueses, pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). É Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da FCSH, Investigadora Integrada no CICS.NOVA e Investigadora colaboradora no CLEPUL (UL).

Enfim, não lhe queremos mal por esse facto, mas registamos o caso e... guardamos os discursos”
 “A questão da imprensa”, *A Vanguarda*, 17 de Março de 1907, p. 1.

O diário republicano independente no advento da República apresentava na primeira página o texto que escolhemos para epígrafe. É sobejamente conhecido o alcance que a “Letra de Imprensa” sempre teve, diríamos mesmo desde Guttenberg. O poder da palavra escrita foi alvo de cobiça e objecto de tentação nos mais diversos palcos. Não estranhemos o facto de em 1907 as leis estarem a ser debatidas por homens que criticavam outros homens. O parlamento, até hoje, reveste-se de uma maioria que é masculina. Mas nesta época recuada era-o exclusivamente.

No mesmo ano, é Ana de Castro Osório, na conferência feita no centro Dr. Afonso Costa, *A Educação Cívica da Mulher*¹, quem afirma: “Tenho por costume nunca falar em público nem fazer conferências que não sejam escritas, isto por um motivo que poderão chamar vaidoso e é apenas a prova de quanto conscienciosamente me dedico à propaganda das ideias que me impulsionam”.

A acção da palavra falada sobre o espírito humano é passageira e sujeita a deturpações lamentáveis. Por mais brilhante que seja um discurso, por mais arrebatadora que se eleve a voz eloquente que o expressa, a sua acção, embora comovedora, não é

¹ Depois editada pelo Grupo Português de Estudos Feministas e impressa na Tipografia Liberty.

demorada.”² De onde compreendemos que o acesso das mulheres à instrução fosse o degrau mais elementar a permitir que da palavra dita pudessem elas passar à palavra escrita. Em *A República*, publicação dirigida pelo médico Artur Leitão, a rubrica “A Tribuna Feminina”, serve claramente o propósito de “amplificador” da voz feminina. Ao longo da sua existência os perfis femininos esboçados, entre os quais salientamos o das médicas Sofia Quintino e Adelaide Cabete, acompanham o retrato de “mulheres modelo” no sentido em que a posição que ocupam profissional e socialmente foi conquistada por mérito e trabalho. Seguem-se outros perfis retratando de igual modo as figuras femininas, que à época, sobressaíam, elevando ao expoente máximo as qualidades das biografadas, fosse no conciliar dos atributos morais e de carácter, aos de habilitações académicas e/ou profissionais, exaltando as virtudes de mães, mulheres, esposas e companheiras. Invariavelmente também o espaço ocupado na imprensa pelas mulheres, servia o propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs. Neste aspecto não podemos deixar de lembrar o papel dos boletins e dos órgãos de propaganda de instituições de que estas figuras femininas eram membro. Assim, sucedem-se boletins, revistas e jornais dirigidos e escritos por mulheres.

As mulheres mais preparadas compreendem a necessidade de “ocupar” espaço na imprensa diária, e não só nos órgãos das organizações em que começam a movimentar-se. É legítimo acreditar que 1907 assinala

² *A Educação Cívica da Mulher*, Conferência feita no Centro Dr. Afonso Costa por Ana de Castro Osório, 1908, p.5.

um marco determinante para um grupo significativo destas mulheres, mais capacitadas, pois é nesse ano que Ana de Castro Osório, Maria Veleda, Adelaide Cabete, Carolina Beatriz Ângelo, para só enumerar algumas, são iniciadas na maçonaria. Doravante qualquer uma delas assumirá papel de relevo nos periódicos nacionais. Mas não pode subtrair-se à História a ideia de que só então as mulheres marcam uma presença assídua no periodismo nacional, pois já em 1900, *A Crónica*, contava com as contribuições de escritoras como Alice Moderno, Alice Pestana (Caiel), Beatriz Pinheiro, Albertina Paraíso, e publicava retratos femininos como os de Angelina Vidal, por Fernando Alves, ou de Ana de Castro Osório, apresentada como directora da Revista para as Crianças, por Cândido Figueiredo, que lhe dirige uma apreciação singular: “D. Ana de Castro Osório pensa como escreve e escreve como quem fala a crianças, como quem se dirige a cérebros que ainda não despertaram. Essa linguagem é uma virtude e é uma ciência: poucos a possuem e raros a praticam.”³

O suplemento ilustrado de *O Século*⁴ dá-nos conta, de um grupo de figuras femininas que se vinham afirmando nas Letras, nas Artes & nas Ciências em Portugal, a escassos meses da Revolução. Virgínia Quaresma assinando o texto “Feminismo”, que antecede a publicação de vários retratos de poetisas, Branca de Carvalho, Mafalda Mousinho de Albuquerque, Lutgarda de Caires, Maria da Cunha, “escritoras da velha guarda” como Maria Amália de Vaz Carvalho, Cláudia de Campos, Angelina Vidal e Alice Moderno, médicas

³ *A Crónica*, n.º 3, I Ano, Abril de 1900, p. 1.

⁴ *O Século*, 12 de Maio de 1910, pp. 2-6.

como Sofia Quintino, Adelaide Cabete, Carolina Beatriz Ângelo, Maria do Carmo Lopes, Domitília de Carvalho e Emília Patacho, “as intelectuais aristocratas”, Olga Morais Sarmento, Branca de Conta Golaço, Maria O’Neill e Maria Cacilda Pinto Coelho, distinguindo depois da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, Ana de Castro Osório, Maria Veleda, Beatriz Pinheiro e Maria Clara Alves. Por último, destaca membros do Comité Português da “Paix et le Desarmement pour les femmes”, Amália Luazes, Madelaine Frondoni Lacombe, Emília de Almeida, Emília Santos Braga e Virgínia de Castro e Almeida. Deste amplo leque de figuras femininas resulta clara a emergência de valores e alavancas capazes de alicerçar e potenciar o acesso das mulheres à justa e pretendida emancipação. O quadro social envolvente foi descrito contundentemente: “se à mulher portuguesa falham as idas quotidianas aos centros laboriosos, outros pretextos as atraem para fora de casa. Arrastando sedas, ornadas de brilhantes, não procurando conhecer qual o limite que a sua exibição de luxo pode ter, a mulher portuguesa, salvo restritas excepções, é a imagem fiel e inconsciente da verdadeira planta parasita.”⁵ Mas Virgínia Quaresma vai mais longe e revela: “A falta de uma educação sólida e racional não permite que a solidariedade feminina seja um facto, entre nós. As próprias mulheres que se superiorizam no nosso meio ressentem-se da falta de educação que não lhes ensinou o valor da mutualidade de esforços, o hábito de trabalho, a independência de carácter e a

⁵ *O Século*, 12 de Maio de 1910, p. 3.

abnegação da própria personalidade pelo enlevo de um ideal supremo: o humanitarismo.”⁶

Se ao longo da primeira República assistimos a um incremento de publicações orientadas por destacadas feministas, é bem certo que as/os detractores do feminismo não pousaram a “pena” e o “lápiz”, permitindo assistir a autênticos debates/duelos. Consciente deste facto estava a fundadora do Grupo Português de Estudos Feministas, Ana de Castro Osório, por vezes assinando com o pseudónimo Ann Moore e cujo nome simbólico é emblemático, Leonor da Fonseca Pimentel, cedo afirmando: “Eu bem sei que a palavra escrita e lida perde em graça e eloquência sugestionada o que pode ganhar em precisão e utilidade; mas em questões que não são de arte devemos optar por a segunda qualidade. Não só é mais clara a matéria assim exposta, como se torna útil numa segunda leitura e é motivo de propaganda, espalhada por todos os que se interessam pelas mesmas questões que a nós nos apaixonam”⁷. Maria O’Neill milita a favor da autenticidade ridicularizando a futilidade e a superficialidade corporizadas na “coquete” desnudando-a em *A Sátira*. Também Alda Guerreiro valoriza a tribuna louvando-a no poema “A Imprensa”, concluindo: “É sublime a missão a que vos dedicais!”⁸. É, ainda, Angelina Vidal quem oferece à Associação dos

⁶ *O Século*, 12 de Maio de 1910, p. 3.

⁷ *A Educação Cívica da Mulher*, Conferência feita no Centro Dr. Afonso Costa por Ana de Castro Osório, 1908, p. 10.

⁸ Folheto de “A Encyclopedia das Famílias dedica à Associação da Imprensa Portugeza”, Lisboa, [Imp. Lucas], 1901.

Compositores Tipográficos a composição poética “Alma de Guttermberg”, em 28 de Outubro de 1906.

Muitas das feministas de primeira vaga assumiram a Imprensa como veículo de propaganda eficaz do seu ideário, pelo qual se entregaram e sacrificaram. E algumas delas, convictas de que a República traria a mudança e o progresso desejados, apostaram no seu efeito multiplicador. Exauridas, apostando em não deixar perder uma oportunidade que fosse - para reivindicar, denunciar, instruir e refutar - cientes de que a palavra escrita faria o seu caminho, amplificando o alcance espacial e temporal da sua mensagem. Assim, a imprensa serviu de amplificador da voz que queriam fazer ouvir - a voz das mulheres.

A combatividade paradigmática de muitas delas é glosada na poesia de Angelina Vidal, capaz de ilustrar a força da militância jornalística feminina:

“Por muito que a desgraça nos persiga / Por
muito que a doença nos maltrate, / Ou, passo a
passo, a ingratidão nos siga, / E a má fé em
torpezas se desate, / Alguma coisa reage, e nos
instiga / A fazer face ao ríspido combate. / Só jaz
morto na Vida, em noite imensa / Quem perdeu
toda a Fé, e toda a Crença.”⁹

⁹ Angelina Vidal, *O Século*, 12 de Maio de 1910, p. 6.

A Violeta: imprensa literária e feminina no sul do Brasil – a escritora Julieta de Melo Monteiro, editora e poetisa

Francisco das Neves Alves*

Pacificado internamente, após as graves crises insurrecionais da época regencial que estouraram por várias das províncias ao longo do território nacional, o Brasil percorreria uma etapa de sua história caracterizada por certa harmonia política e, consequentemente, por uma estabilidade econômica que corresponderia ao apogeu do império. Refletindo tal contexto, a imprensa brasileira também passaria por transformações, de modo que o jornalismo predominantemente combativo, político e ideológico,

* Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.

característico daquela era revolucionária, não seria substituído de todo, mas viriam a surgir alternativas editoriais que ofereceriam novas oportunidades de leitura ao público. Nesse sentido, a partir da segunda metade do século XIX, o periodismo brasileiro entraria em uma fase de expansão quantitativa e qualitativa, ocorrendo um processo de diversificação das atividades jornalísticas com a edição de variados gêneros, além de uma especialização do periodismo, passando a circular diversificadas publicações destinadas à abordagem de temáticas especiais e/ou voltadas a segmentos específicos no que tange ao público leitor.

No conjunto de tal diversificação e especialização do jornalismo, os escritos de cunho literário passavam a ganhar terreno. A literatura já tinha relevância no seio do periodismo brasileiro, tanto que até mesmo os jornais considerados como predominantemente políticos ou noticiosos, por vezes, acresciam o termo “literário” nos dísticos que estampavam em seus cabeçalhos. Além disso, um número considerável de periódicos já reservava um lugar em suas páginas para matérias literárias na seção “Folhetim”. Entretanto, tal segmento editorial, normalmente alocado ao pé da página, nem sempre era considerado como indispensável, de modo que aparecia ou desaparecia de acordo com a disposição gráfica e a disponibilidade de espaço em meio ao restante das matérias. Além disso, os textos folhetinescos eram na maioria da lavra de autores sumamente reconhecidos no cenário internacional ou nacional, havendo poucas oportunidades para os escritores que atuavam nos contextos regional ou local e a imprensa especificamente literária viria a preencher tais lacunas.

Assim, na segunda metade do século XIX, as publicações literárias iriam se espalhar ao longo do território brasileiro, chegando a muitas das províncias, notadamente nas suas localidades mais progressistas. Tal fenômeno se repetiria na mais meridional das províncias do império, onde passou a circular significativo número de folhas literárias. No Rio Grande do Sul, a imprensa tivera um desenvolvimento tardio em relação a outras partes do país, vindo a surgir na década de 1820 e, a partir de então, evoluiu crescentemente. O processo histórico marcado pela preparação e eclosão da Revolução Farroupilha representou um momento de expansão no jornalismo gaúcho, surgindo grande quantidade de jornais voltados essencialmente ao debate político-ideológico que tomava conta da província, restando um espaço praticamente nulo para os periódicos que não pretendessem abordar os conflitos então em voga. Os desgastes oriundos da guerra civil levariam a um declínio na imprensa rio-grandense que só voltaria a se recuperar na década de 1840, com o fim do enfrentamento bélico e a progressiva reconstrução política e econômica.

Essa segunda etapa do jornalismo sul-rio-grandense, refletindo o próprio contexto nacional, traria consigo uma diversificação das atividades jornalísticas que, sem abandonar o debate político, partidário e ideológico, abriria espaço para algumas estratégias editoriais alternativas. O periodismo noticioso e comercial progrediria, surgindo alguns dos mais longevos e perenes jornais diários gaúchos que intentavam reproduzir o *modus operandi* da grande imprensa nacional e internacional. Ao lado desses periódicos melhor estruturados financeiramente,

tecnicamente e organizacionalmente, evoluiria também uma pequena imprensa, representada por jornais de pequeno formato, circulação não diária, distribuição irregular e existência normalmente pouco perene. Ainda que a longevidade não fosse característica de tais folhas, elas marcariam sua presença no contexto rio-grandense-do-sul daquela época e, bem de acordo com tais tendências, se fez presente um jornalismo literário.

As últimas décadas do século XIX marcariam uma fase de apogeu da imprensa gaúcha, levando em conta o tipo de jornalismo até então praticado. Além da diversificação das lides jornalísticas, ocorreria uma crescente especialização dos jornais, surgindo significativo espaço para o desenvolvimento de publicações destinadas à literatura, refletindo o fenômeno que marcava a imprensa brasileira como um todo (SODRÉ, 1999, p. 196-199). Os jornais literários surgiam a partir de uma nova conjuntura socioeconômica e política, marcada por certas preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades, fomentando a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo. Além disso, esses periódicos representavam um gênero jornalístico alternativo às folhas panfletárias de cunho partidário, predominantes até então, uma vez que procuravam romper com tal situação vigente, especializando-se na difusão cultural e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário (RÜDIGER, 2003, p. 44 e 60).

No contexto provincial, os periódicos literários teriam um papel essencial ao abrir espaço à divulgação dos trabalhos de escritores locais e regionais. Nesse sentido, a evolução da literatura gaúcha do século XIX

esteve intrinsecamente ligada aos avanços do próprio jornalismo, que teve efetiva influência na produção literária da província e na sua consequente divulgação, uma vez que os primeiros autores sul-rio-grandenses utilizavam-se das páginas dos jornais, tendo em vista as grandes dificuldades que encontravam para a publicação e difusão de suas obras (BAUMGARTEN & SILVEIRA, 1980, p. 12). Assim, por meio dos periódicos literários, foram divulgados escritos dos mais representativos autores gaúchos, bem como romances, contos, textos críticos e correspondência entre escritores ligados ao movimento cultural da província (BAUMGARTEN, 1982, p. 26-27), os quais seriam precursores ao moverem um espírito de luta pela causa literária (CESAR, 2006, p. 179), constituindo uma primeira geração importante de intelectuais rio-grandenses (BAUMGARTEN, 1999, p. 44).

A partir de tais condições favoráveis, o jornalismo literário espalhou-se pelas mais importantes localidades rio-grandenses-do-sul. Dentre elas esteve a cidade do Rio Grande, a mais antiga das urbes gaúchas, a qual teve a sua origem ligada a uma função essencialmente estratégica nas disputas territoriais anteriores à independência. A partir dos Oitocentos, a cidade passaria por relevantes mudanças, transformando-se no grande entreposto mercantil do Rio Grande do Sul, constituindo o seu único porto marítimo, por onde escoava a produção pecuária e charqueadora e entravam as importações destinadas ao consumo da província. O desenvolvimento comercial dessa comuna portuária traria consigo também certa ascensão econômica e política, bem como a evolução urbana e o crescimento demográfico, em um quadro que se tornaria

propício também a avanços no campo cultural. Tais progressos culturais teriam na imprensa um dos seus fatores catalisadores.

Considerada a porta de entrada da província rio-grandense, a cidade do Rio Grande teve recorrentemente por meta apresentar-se como verdadeiro cartão postal, ou seja, como uma urbe que contava com os bafejos da civilização, de acordo com os padrões europeus de então. Nesse sentido, a existência de um jornalismo bem desenvolvido exercia um duplo papel nessa missão civilizadora, já que a presença de jornais serviria para denotar os avanços culturais citadinos, bem como os próprios periódicos se propunham a propagandear esses mesmos progressos. Tal perspectiva era confirmada pelo fato de que o porto do Rio Grande não servia apenas para o intercâmbio de mercadorias, como também para a circulação de pessoas, ideias, informações, opiniões, correspondências, livros e companhias artísticas, que primeiro passavam pelo estabelecimento portuário, para depois chegar ao resto da província. Dessa forma, poderia ser considerado como um jornalismo de ponta aquele praticado no contexto rio-grandino, pois seus periódicos acompanhavam *pari passu* os progressos do conjunto da imprensa gaúcha e muito proximamente os avanços do periodismo praticado na maior parte das cidades brasileiras.

A imprensa rio-grandina foi uma das precursoras na conjuntura provincial, tendo suas origens também vinculadas às disputas político-ideológicas e bélicas da Revolução Farroupilha, com a existência de um periodismo incisivo e engajado, defendendo as causas de rebeldes e legalistas. A cidade portuária passaria igualmente por um processo de reestruturação de sua

imprensa com progressivas diversificação e especialização das lides jornalísticas, em um contexto no qual circularam os tradicionais e longevos diários, além de periódicos noticiosos, folhas políticas, semanários caricatos, pasquins e publicações representativas de determinados segmentos socioeconômicos. Foi nesse contexto que ocorreu, desde a década de 1860 até a virada do século XIX para a centúria seguinte, a circulação de uma série de jornais literários, voltados essencialmente à difusão da leitura e à propagação da cultura. Essa imprensa literária inseriu-se na própria planificação de um desenvolvimento cultural da cidade do Rio Grande, estando plenamente afinada com o intento civilizador tão almejado no âmbito citadino. Desse modo, se a civilização era o destino pretendido, a literatura poderia ser o caminho e os jornais literários, os propagadores e arautos que buscariam guiar a comunidade, por tal seara, em direção àquela meta (ALVES, 1999a, p. 51).

Ao contrário dos demais gêneros jornalísticos, notadamente os diários comerciais e noticiosos, que tratavam a literatura como uma matéria de natureza complementar em suas páginas, a imprensa literária consagrava-se de forma total ou praticamente integral ao desenvolvimento da arte literária (ALVES, 1999b, p. 143). Dessa forma, vários foram os títulos de periódicos literários editados no Rio Grande, ao longo das quatro últimas décadas do século XIX. Os primeiros e mais destacados circularam nos anos sessenta, havendo uma continuidade nos decênios seguintes (ALVES, 2002, p. 142) e, dentre eles, destacaram-se a *Arcádia* (1867-1869 – no Rio Grande), que se anunciava como um “literário, histórico e biográfico”, pretendendo ser também

“ilustrado”, mudando mais tarde seu dístico para “jornal consagrado à literatura”; a *Inúbia* (1868) que se apresentava como “periódico literário”; *A Grinalda* (1870-1871), um “periódico literário, crítico e recreativo”; a *Violeta* (1878-1879), que publicava em seu frontispício “periódico literário, crítico e instrutivo”; o *Arauto das Letras* (1882-1883 e 1889), um “órgão dedicado à mocidade rio-grandense” de tendência literária; *A Lanterna* (1893-1894) que se dizia “jornal crítico, literário e noticioso”; o *Correio Literário* (1900), cujo próprio título definia suas metas; e *O Recreio* (1901), outro “órgão da mocidade” voltado à literatura (ALVES, 2000, p. 16-17).

Uma das características essenciais do periodismo literário era o recorrente intento de demonstrar que suas propostas editoriais eram essencialmente culturais, não devendo suas páginas destinar espaço a outro tipo de matéria que não estivesse ligada à literatura, à arte, ao estudo e à leitura. Tal meta das folhas literárias esteve associada à busca por superar a pasquinagem, então bastante em voga, bem como ao objetivo de tornar-se cada vez mais uma opção em relação aos periódicos alicerçados no partidarismo. Além disso, esses jornais em muito debatiam os entraves que se antepunham à suas edições. As iniciativas ligadas ao jornalismo literário estiveram quase sempre vinculadas às práticas da pequena imprensa, ou seja, era representado por periódicos, em geral, de pequeno formato, distribuição semanal e que apresentavam sérias dificuldades na manutenção de sua circulação regular. Normalmente, eram folhas de confecção artesanal nas quais um único indivíduo, sem um quadro de funcionários, executava as mais variadas funções, desde a elaboração até a distribuição do produto final. Tais publicações nem

sempre eram impressas em oficinas próprias, dependendo dos serviços de terceiros para imprimir seus exemplares. Nesse sentido, a imprensa literária também foi promovida a partir de iniciativas individuais que, apesar dos constantes obstáculos e das condições às vezes precárias, conseguiram manter a circulação de periódicos de razoável qualidade editorial, apesar da pouca perenidade (ALVES, 2005, p. 35 e 38-39).

Esse constante escopo de demonstrar um purismo literário e a recorrente abordagem das amplas dificuldades que cercavam sua sobrevivência foram temas comuns nas páginas das publicações literárias, somando-se aos escritos vinculados à difusão da literatura propriamente ditos, os quais eram distribuídos em variadas seções, normalmente discernidas em textos elaborados em prosa ou verso. Em tais edições apareciam também indícios do que poderia ser considerado como uma crítica literária, além de abordagens em torno de temas culturais e sociais da época. Uma característica marcante desse tipo de periodismo foi uma constante troca de correspondências que, acrescida pelo próprio intercâmbio de exemplares dos jornais, serviam à formação de uma verdadeira rede discursiva pela qual se debatia variadas questões em torno do saber, das letras e da intelectualidade, sob um prisma temático bastante amplo e promovido numa área de abrangência extremamente larga, envolvendo não só o contexto provincial, mas também o nacional e até o internacional.

Dentre as folhas literárias rio-grandinas, uma das que esteve plenamente inserida nessa caracterização geral foi a *Violeta* que circulou de março de 1878 a julho de 1879. Suas propostas editoriais já ficavam demarcadas

pelo dístico estampado em seu cabeçalho, no qual se definia, inicialmente, como um “periódico literário, crítico e instrutivo”, invertendo, a partir de abril de 1879, para “literário, instrutivo e crítico”. Era um semanário, cujas quatro páginas chegavam aos leitores nos domingos. Sua redatora e proprietária era Julieta de Mello Monteiro que, além de jornalista, foi professora, poetisa, contista, cronista, memorialista e teatróloga, e constituiu uma das figuras expoentes da intelectualidade rio-grandina e rio-grandense da época (MARTINS, 1978, p. 375; NEVES, 1987, p. 143-144; e VILLAS-BÔAS, 1974, p. 325). O jornal era impresso em tipografia própria e sua assinatura custava, na cidade do Rio Grande, 500 réis (mensal) e 1\$500 (trimestral) e, fora dela, 2\$000 réis a cada trimestre.

Uma das particularidades da *Violeta* estava ligada ao fato de que, além de pertencer ao gênero literário, era também uma precursora da imprensa feminina no Rio Grande do Sul. Nessa linha, o periódico tinha uma mulher como redatora e proprietária, bem como as suas colaborações eram também da autoria de representantes do sexo feminino. Soma-se a isso o fato de que o principal público alvo da folha eram também as mulheres, como ficava evidenciado nas correspondências trocadas com a redação. As seções do jornal bem demarcavam suas intenções essencialmente voltadas à literatura e à cultura, caso das “Rosas literárias”, na qual eram divulgados escritos em prosa, “Íris poético”, destinada aos textos em versos e “Miríades”, em que aparecia uma série de cartas trocadas entre as leitoras. Além dessas, eram publicados comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas e uma “Revista dos jornais”, na qual eram citados os

diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares. Tal prática demonstrava o alcance da folha literária rio-grandina que fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como também de diversas localidades espalhadas pelo sul, centro, nordeste, norte e oeste do império, bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal.

A ênfase em destacar suas propostas eminentemente literárias foi uma das marcas registradas da *Violeta*, como ficou expresso no seu programa:

É mais uma tábua, uma prancha, lançada ao grande naufrágio em que vai a literatura nesta patriótica província; naufrágio que se evidencia, não por falta de amor às letras e à liberdade, nem pela míngua de talentos, mas sim por essa frieza sistemática que a tudo enregela e pretende sufocar.

A literatura, essa pérola divina escapada dos lábios da Providência; a poesia, essa linguagem melíflua que nos fala com todos os acordes de uma harpa encordoada no céu, se tem um horizonte, se tem uma arena vasta para os seus elegantes devaneios, nenhum e nenhuma mais férteis em sazonar e produzir resultados que esta nobre e invicta província; onde por um dote como que natural das musas, a mocidade inspira-se, ora nos grandes faustos de um glorioso passado, ora nessa natureza esplendente e sempre pródiga de maravilhas sublimes.

Infelizmente, porém, o egoísmo, essa máscara de gelo com que se embuça a face do obscurantismo, não quer e não consente, que nem por simples ensaio as jovens de hoje travem de

suas mimosas penas e venham preencher nas lutas grandiosas da ideia, o lugar de honra que lhes destina o natural impulso.

Como em outros tempos, o vocábulo do LITERATO, era tomado à esguelha pela ignorância dos papalvos aristocratas, verdadeiros empadões políticos de outrora, parece que também hoje se desenvolve a epidemia malina; se bem que muitos de nossos literatos rio-grandenses, se tenham elevado à altura a que não podem atingir os grossos volumes de LOIRAS a que hoje se venera e... respeita.

Querendo por esse motivo a *Violeta* cometer uma cruzada toda de interesse público e utilidade instrutiva, sai altamente bela, logo que também o ilustrado público lhe preste o apoio de que necessita.

Na arena literária, a nossa profissão de fé é a seguinte:

Aceitarmos os escritos que tendam a interesse instrutivo e por consequência útil.

Submeterem-se os autógrafos a uma comissão de revisão, isto a fim de que não se confundam escritos de mérito reconhecido, por outros que nada têm de aceitação.

Com estas ideias, e com outras que em artigos subsequentes iremos traçando acerca do nosso programa, está estabelecida a modesta *Violeta*, para a qual pedimos a proteção pública, por vir ela concorrer para o grande sucesso, qual o de instruir, recrear e deleitar a todas as classes da sociedade.

Esperamos, pois, se a felicidade coroar nossos esforços, em breve tempo, melhorarmos de material, bem como aumentarmos o formato

deste jornalzinho. (O COMERCIAL, 18-19 mar. 1878, p. 1).

Suas metas foram retomadas recorrentemente tanto nas matérias editoriais quanto em apreciações de outros jornais estampadas nas páginas do semanário rio-grandino, nos quais ficavam expressas suas intenções de destinar-se à literatura e voltar-se essencialmente a um público feminino. Dessa maneira, a *Violeta* foi definida como um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa rio-grandense para mostrar que a mulher, além do encanto do lar e da flor mimosa a embelezar o caminho da vida, poderia também, na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélios da imprensa, ostentar as mimosas graças de seu espírito (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 1).

Em linguagem figurada, através de constantes alusões ao seu título de inspiração floral, o semanário era apresentado como uma delicada e mimosa *Violeta* que continuava a derramar no ambiente literário os doces perfumes que exalavam as produções de suas inteligentes redatoras. Também era reconhecido como um órgão da imprensa rio-grandense que advogava a causa do sexo gentil, vindo suas páginas exornadas de delicadas flores, de mimosas poesias de um lirismo doce e suave e de belos artigos que revelavam em suas autoras prometedora futuro nas lides da imprensa e nos torneios da inteligência. Na mesma linha, comentava-se que a folha rio-grandina era uma publicação literária destinada às moças, podendo dizer-se que era um buquê de odoríferas flores que estava a trescalar o mais agradável perfume para os que tivessem a ventura de

tocá-lo (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 1). A publicação literária foi apresentada ainda como um mimoso e delicado ramallete literário que recendia o inebriante perfume das mais esquisitas e preciosas flores, publicando lindíssimas composições literárias, espirituosos escritos e poesias de verdadeira inspiração e merecimento (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

Ao adentrar seu segundo semestre de existência, a *Violeta* se definia como uma folha modesta e singela que fielmente vinha cumprindo o seu programa. Lembrando a popularidade da pasquinagem, o periódico confessava que seu comportamento ilibado desagradava a muitos, visto que ele não se ocupava com a vida alheia, considerando tal situação como uma triste realidade. A respeito da conjuntura cultural, o semanário lamentava que a maior parte da mocidade detestasse as letras, porque se aborrecia com o estudo e, se por acaso chegasse a buscar um jornalzinho da ordem da *Violeta* era apenas para ler a parte crítica. Entretanto, apontava que, como todas as regras tinham exceção, ainda se conseguia, lutando com algumas dificuldades, manter a existência de jornais literários, bem como avisava que não se zangassem aqueles em quem coubera a carapuça e que aceitassem seus cordiais agradecimentos os que com suas valiosas proteções vinham concorrendo para que se pudesse cultivar aquela frágil e pequenina flor (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

As apreciações de outros periódicos continuavam a exaltar a *Violeta* como uma publicação literária mantida por mulheres. Nesse sentido, era destacado que no Rio Grande do Sul estava sendo publicado um pequeno jornal que tinha por principal base de seus assuntos a literatura, a crítica e a instrução, sendo habilmente

redigido e cientificamente bem colaborado por senhoras. Manifestava-se regozijo pelo fato de radiar no país uma luz nascida do espírito feminino, que parecia condenado às trevas por um sentimento de ignorância e duras práticas de seus detratores. De acordo com tal linha de pensamento, era explicado que, sem motivo para o ser, o sexo feminino vinha sendo considerado de nenhum proveito nas ciências, porque os que podiam e os que imperavam entendiam que tal sexo era frágil em tudo e, muito embora a natureza estivesse apontando nele inteligências fortíssimas, consideravam que tal ação intelectual não passava de quimera. Em contrapartida, a folha que apreciava a publicação rio-grandina vaticinava que na realidade a *Violeta* por si só formava um grande baluarte da ciência instrutiva e mais o seria se surgissem imitadoras à sua atitude (VIOLETA, 29 set. 1878, p. 1-2).

No mesmo sentido, afirmava-se que os escritos inseridos na folha literária rio-grandina provavam não só inteligência e gosto, mas também o sincero desejo de empregar ambos os dotes em prol da literatura (VIOLETA, 20 out. 1878, p. 1). Referindo-se ao norte editorial da publicação, explicava-se que tal flor mimosa do jornalismo evitava as abordagens da alta imprensa, mas trazia o perfume da poesia que falava ao coração e os enlevos da literatura que arrebatava a inteligência, constituindo um protesto vivo contra a tola opinião da incapacidade da mulher, manifestando-se a expectativa de que de suas páginas saíssem nomes que a história, a literatura, a poesia e a política viriam a gloriar em seus anais (VIOLETA, 1º dez. 1878, p. 1). O semanário chegou a ser considerado como um importante periódico literário publicado na província sulina e que, no panteão do jornalismo brasileiro, se destacava pela singeleza e

variedade de seus escritos e pelo bem elaborado de seus artigos que ilustravam o império do cruzeiro (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 1).

Ao entrar em seu segundo ano de existência, o periódico anunciava que, como sempre diligenciado por agradar, especialmente ao belo sexo ao qual se destinava, resolvera fazer algumas alterações em seu programa, tais como trazer de quando em quando uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradavam a maior parte do sexo frágil. Diante disso, esperava continuar a merecer o franco acolhimento que até então lhe tinha sido tão benignamente dispensado. Além disso, a folha literária apontava para outras transformações editoriais, prevendo, com a finalidade de dar merecimento ao pequeno jornal, a publicação de escritos a respeito de senhoras ilustres brasileiras e estrangeiras, e, principalmente, rio-grandenses, diante do que se propunha a receber com a maior gratidão os dados que lhe fossem transmitidos para tal fim. Esclarecia que não só aceitava, mas muito encarecidamente pedia a contribuição das pessoas patrióticas e amantes da literatura. Tal proposta era justificada pelo fato de que o exemplo das mulheres que se distinguiram poderia vir a iluminar muitas inteligências feminis que dormiam esquecidas pela indiferença, as quais despertariam com a narração deslumbrante dos altos feitos de gloriosas ascendentes e não menos ilustres contemporâneas (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

Manter uma folha literária não era empreitada fácil e, a cada edição na qual fechava mais um período de existência, surgia um motivo de comemoração por parte do semanário que observava com orgulho os

alcances que vinha obtendo, ainda que o caminho fosse prenhe de estorvos. Nesse sentido, a *Violeta* demarcava a data na qual finalizava o seu primeiro mês de existência, desejando que Deus quisesse que o mesmo orvalho que lhe tinha dado vida até então, continuasse a alimentá-la (VIOLETA, 14 abr. 1878, p. 1). Na mesma linha, a publicação homenageava seus leitores e colaboradores ao encetar o seu segundo trimestre de circulação, afirmando que faltaria a um sagrado dever se deixasse de gravar em suas páginas um protesto de gratidão a todas aquelas pessoas que se dignaram a prestar-lhe a sua proteção, fosse com seus belos escritos fosse com suas assinaturas (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Nessa mesma oportunidade em que adentrava o seu segundo trimestre de existência, o jornal destacava que queria corresponder a tantas manifestações de apreço que recebera, de modo que resolvera aumentar o seu formato. Tal melhoramento adviria da crença da folha de que continuaria a ser bafejada pelas bonançosas auras com que até então fora agraciada. Convicta da execução de seu norte editorial, a redação exclamava que aquele jornalzinho, criado exclusivamente para o belo sexo, deveria do mesmo receber toda a proteção, de modo que, figurativamente, nas mãos das distintas brasileiras eram colocadas singelas violetas, esperando que elas jamais fossem deixadas no abandono. Na mesma linha, conclamava a todas àquelas em cujos cérebros se fizesse presente a luz da inspiração, que auxiliassem na árdua, porém bela carreira que era encetada. A ocasião servia ainda para que o periódico manifestasse sua sincera gratidão à ilustre imprensa brasileira, que tão lisonjeira se vinha mostrando para

com aquele semanário literário (*VIOLETA*, 23 jun. 1878, p. 1).

Um dos pontos altos da *Violeta* em termos de alcance, ainda mais por estar inserida no contexto da pequena imprensa, foi a repercussão obtida nos mais longínquos recantos do Brasil, através do intenso intercâmbio que promoveu com jornais de diversas províncias brasileiras. Tal permuta era levada muito a sério pelo semanário, que não descuidava o envio e recebimento de exemplares, como ele mesmo deixava claro ao declarar que daquela data em diante ficaria suspensa a entrega do jornal a todas aquelas empresas tipográficas, cujas redações não se dignassem a permutar seus periódicos com a *Violeta* (*VIOLETA*, 30 jun. 1878, p. 1). No mesmo sentido, a publicação literária pedia às redações de todos os periódicos de fora da província sulina que davam a honra de intercambiar com a folha rio-grandina que, quando enviassem seus exemplares, o fizessem para a cidade do Rio Grande, e não para a vizinha Pelotas, como acreditava que por engano o vinham fazendo, atitude da qual resultava extraviarem-se uns e demorar-se o recebimento de outros (*VIOLETA*, 14 jul. 1878, p. 1).

Apesar do pequeno formato e de todas as dificuldades que cercavam aquele tipo de empreendimento, a tenacidade e perseverança da redação da *Violeta* trouxeram resultados significativos, ainda mais tendo em vista o alcance de suas permutas, que permitiu a difusão de matérias literárias ao longo de grande parte do território brasileiro e até do exterior. Nesse sentido, a própria folha ressaltava o fato de ter recebido uma revista mensal da cidade estadunidense de Nova York, com a qual passou a intercambiar

exemplares. A esse respeito, o semanário afirmava que folgava assaz em dar essa agradável notícia a seus favorecedores, pois que, conquanto tenha sido geral no Brasil a aceitação daquele modesto jornalzinho, nunca chegara a persuadi-lo que de tão longe receberia tão inequívoca prova de apreço (VIOLETA, 21 jul. 1878, p. 1). E de tal mérito, a redação da publicação literária não abria mão, como ao constatar que já havia muito tempo que um interessante periódico não acusava o recebimento da *Violeta*, diante do que tomava o cuidado de participar aos responsáveis pelo mesmo, que continuava sendo pontual na remessa dos seus exemplares, e que ignorava se eles estavam ou não chegando ao seu destino (VIOLETA, 18 ago. 1878, p. 1).

Ainda que tenha obtido significativa repercussão, apesar de seus próprios limites, a *Violeta* teve de enfrentar ao longo de sua existência as relevantes dificuldades que normalmente se antepunham aos representantes da pequena imprensa. Um desses embaraços estava ligado à venda de assinaturas, única fonte de renda da folha, bem como a inadimplência daqueles que deveriam contar como seus favorecedores. Nessa linha, os avisos tornavam-se recorrentes, como no caso da publicação de um pedido endereçado aos assinantes que ainda se achavam em débito com a empresa, para os quais a redação rogava o obséquio de o mandarem saldar (VIOLETA, 19 maio 1878, p. 1). As cobranças eram retomadas já no segundo ano de existência da folha que rogava a todos os seus assinantes tanto do Rio Grande, como de fora dele, especialmente aos da cidade gaúcha de Bagé, que ainda se achavam atrasados em seus pagamentos para com aquela pequena empresa, o obséquio de mandarem satisfazer

tal importância o mais breve possível, tendo em vista a entrada em um novo trimestre, período base no pagamento das assinaturas (VIOLETA, 13 abr. 1879, p. 2).

Ainda a respeito do problema do pagamento das assinaturas associado ao da distribuição, a folha editou uma nota sob o título “Procedimento inqualificável”, explicando que só assim se poderia chamar aquele que haviam acabado de ter os assinantes residentes na vizinha cidade de Pelotas para com aquela pequena empresa. Passava então a detalhar o ocorrido, destacando que, durante um semestre, fora enviada quantia muito superior a cem exemplares, para que o seu agente fizesse a distribuição entre os assinantes e as redações de outros jornais, entretanto, quase ao concluir-se o trimestre, foram também remetidos ao mesmo agente os recibos para que ele procedesse à cobrança, visto que o pagamento deveria ser adiantado. Diante de tal perspectiva, o semanário manifestou sua surpresa quando aquele funcionário mandou dizer que todos os assinantes negavam-se a pagar pelo motivo de que a folha rio-grandina havia muito não publicava crônicas daquele lugar, deixando por isso de interessar aos pretensos favorecedores. Perante tal comentário, o periódico literário afirmava que não queria crer que entre tantas pessoas não houvesse uma que se interessasse pela literatura e que todas fossem assinantes por mera curiosidade de novidades (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

Dentre os obstáculos que assolavam a existência da publicação literária rio-grandina estavam também os de natureza técnica, que potencializavam seus efeitos por tratar-se de uma edição realizada em meios

praticamente artesanais. Nesse sentido, a *Violeta* publicava uma nota intitulada “Aos nossos assinantes”, na qual avisava que, tendo havido um pequeno desarranjo no seu prelo, fora um de seus números impresso na tipografia de outro jornal, na qual se dera um terrível engano ao colocarem-se as páginas no prelo, pelo que a redação pedia mil desculpas a seus favorecedores, esperando que aquilo jamais se reproduzisse novamente (VIOLETA, 31 mar. 1878, p. 1). Havia problemas também ligados à revisão dos textos, como no caso de alguns erros que teriam escapado numa das edições do periódico, especialmente na pontuação de uma narrativa. Diante dessa falta involuntária, o semanário mais uma vez desculpava-se, bem como dizia esperar das esclarecidas inteligências de seus assinantes a pronta correção dos mesmos (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 2). Mais tarde, já próximo de suas últimas edições, o semanário avisava que, devido a um pequeno desarranjo havido em seu prelo, fora obrigado a não distribuir seu exemplar referente à última edição, o que bastante contrariava a redação que, da benevolência de seus leitores, esperava merecer desculpa para essa falta involuntária (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1).

A organização dos trabalhos nas oficinas de um periódico que constituía um representante da pequena imprensa tinha de ser extremamente simplificada, pois, praticamente não havia funcionários, ficando as diversas etapas da elaboração do jornal nas mãos de seu proprietário. De acordo com tal perspectiva, o responsável pela publicação, muitas vezes, tinha sob sua responsabilidade a idealização, a planificação e a confecção de cada uma das edições, atuando na redação, revisão, formatação, impressão e até na distribuição da

folha. Com poucos recursos, essas publicações não tinham condições de pagar boas remunerações, diante do que escasseava a possibilidade da contratação de empregados e, quando isso se tornava possível, a qualidade do serviço prestado normalmente não era das melhores. A *Violeta* foi atormentada por tais males, vindo a ter constantes problemas com seus representantes comerciais, notadamente na vizinha cidade de Pelotas e, mais ainda, com seu serviço de cobranças.

Desse modo, foi recorrente nas páginas do semanário o anúncio da necessidade de um cobrador (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 1; 14 jul. 1878, p. 1; e 28 jul. 1878, p. 1). Além das dificuldades de obter um funcionário para as cobranças, quando o conseguia, o mesmo deixava a desejar, como ficou demonstrado em avisos publicados recorrentemente pelo jornal nos três últimos meses de 1878. Assim, o periódico rogava a um ex-cobrador que fizesse o obséquio de comparecer à sua oficina, pois a sua falta era assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou a importância referente aos mesmos que ele se *esquecera* de trazer à redação (VIOLETA, 20 out. 1878, p. 1; 27 out. 1878, p. 2; 3 nov. 1878, p. 1; 10 nov. 1878, p. 2; 17 nov. 1878, p. 1; 1º dez. 1878, p. 1; 8 dez. 1878, p. 2; e 22 dez. 1878, p. 2). A impaciência da redatora crescia e o aviso ganhava um tom mais agressivo, sendo perguntado ao ex-funcionário quando ele pretendia dignar-se a visitar o escritório do jornal, trazendo em sua *amável* companhia os recibos que lhe haviam sido confiados ou valor correspondente a eles. A raiva diante do ato ficava expressa nas palavras pelas quais não se sabia se tal indivíduo era cego ou surdo e,

por conseguinte, continuaria a ser chamado (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 1).

A inconstância na distribuição era um dos maiores males que afetava a pequena imprensa e a *Violeta* também sentiria seus efeitos. Manter a circulação regular era uma constante preocupação da folha que chegou a rogar a seus assinantes que, no caso de irregularidade na sua entrega, mandassem declarar no escritório da empresa, para que providências fossem tomadas prontamente (VIOLETA, 7 abr. 1878, p. 1). Uma das estratégias mais utilizadas pelos pequenos jornais de então, também foi praticada pela *Violeta* que chegou a antecipar o envio de exemplares para possíveis assinantes, pedindo, no entanto, às pessoas a quem fossem entregues e que não desejassem coadjuvar com a sua proteção, o obséquio de devolvê-los na empresa ou aos seus agentes, visando, assim ampliar a distribuição da publicação para novos favorecedores. Apesar dos cuidados, ainda no seu primeiro trimestre, o semanário declarava que, por motivos alheios à sua vontade deixara de sair à luz um de seus números, cuja falta ficaria suprida com a edição seguinte, para que continuasse dali em diante com a mesma regularidade (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Como grande parte das etapas da elaboração do jornal ficava nas mãos da proprietária, problemas de qualquer natureza por ela enfrentados poderiam prejudicar a distribuição da folha. Nesse sentido, o semanário desculpava-se diante de seus favorecedores por não ter sido feita a entrega de um de seus números, tendo em vista os tristes motivos que provocaram tal falha, numa referência à perda de um parente da redatora. Em compensação, dizia que na oportunidade

dois números haviam sido distribuídos, de modo a preencher aquela falta (VIOLETA, 6 out. 1878, p. 2). Na mesma linha, o jornal teve a sua circulação suspensa durante os três primeiros meses de 1879, por motivo do falecimento do pai da redatora e proprietária. Ao retornar, a folha declarava que, após uma interrupção de três meses, motivada a princípio por desgostos de família e mais tarde por motivos particulares, aparecia novamente a singela *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado. Além disso, avisava aos assinantes que se tinham adiantado em pagamentos com a pequena empresa, que nada sofreriam os seus interesses com a suspensão da edição, visto que haveria o cuidado de indenizá-los diante daquela ausência (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

A publicação literária chegaria a buscar alternativas para as dificuldades que a cercavam, como foi o caso da proposta de distribuir juntamente com cada exemplar meia folha contendo anúncios, não sendo por tal inovação alterado o preço do jornal, de modo que esperava ampliar o merecimento da proteção pública. Tal estratégia era justificada pelo fato do periódico ter circulação por quase todas as províncias do império e fazendo os anúncios por menor preço do que qualquer outro, esperava não ser esquecido pelos seus assinantes e pelo público em geral (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1). A despeito de todos os esforços, os obstáculos passavam a predominar, chegando a redação a confessar que, apesar da busca por manter a máxima pontualidade na remessa do jornalzinho, não sabia a quem atribuir o descaminho pelo mesmo sofrido, uma vez que eram contínuas as reclamações daqueles que diziam não tê-lo recebido (VIOLETA, 1º jun. 1879, p. 1). As falhas na distribuição

tornavam-se cada vez mais recorrentes, levando a folha a declarar que mais uma vez se vira forçada a faltar com uma edição aos seus assinantes. Diante de tal problema, o semanário justificava que era bastante sensível à falta de cumprimento daquele compromisso, que infelizmente ocorrera tendo em vista a falta de empregados pela qual era acometida aquela pequena empresa (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 2).

As precariedades se avolumavam e nova interrupção ocorreria, tanto que o jornal mais uma vez dedicava aos seus assinantes, a quem de coração agradecia a proteção até então dispensada, o pedido de mil desculpas pela irregularidade com que ultimamente vinha sendo distribuída a folha, chegando a prever que, com a entrada de novo mês e trimestre, seria feito todo o possível para que não se reproduzissem tais anormalidades e manifestando a esperança de não ser abandonado pelo favor público (VIOLETA, 6 jul. 1879, p. 1). Até mesmo as novas estratégias de vendas eram nulificadas diante das constantes interrupções, de modo que o jornal declarava que se vira obrigado a deixar morrer logo ao nascer o seu projeto de distribuir junto de cada exemplar meia folha de papel com anúncios. O periódico justificava que fora forçado a assim proceder pela mesma razão que fizera com que o jornal fosse publicado tão irregularmente, ou seja, a falta de empregados. Mas, ainda com alguma esperança, o semanário previa que, logo que estivesse melhor servido, voltaria à ideia original (VIOLETA, 13 jul. 1879, p. 1).

As melhores condições não viriam e a “modesta florzinha literária” cada vez mais perdia sua seiva de sustentação e sucumbia diante de tantas intempéries.

Submetida a muitas das limitações que se sobrepunham à pequena imprensa, a folha rio-grandina voltada à literatura, mesmo diante de toda a organização e os esforços de sua redação, chegava a seus estertores. Apesar dos nobres propósitos de difusão da leitura e divulgação da cultura, o terreno às publicações literárias parecia não ser tão fértil, carecendo de um número de favorecedores que fosse o suficiente para manter suas condições básicas de sobrevivência. Ainda assim, o semanário levou em frente suas propostas, abrindo espaço para a publicação de textos redigidos no contexto local e regional, divulgando uma profícua produção, numa atividade acrescida pelo mérito de ser uma das poucas publicações que se destinou a editar escritos de autoria feminina que se espalharam pelo Brasil e pelo mundo, tendo em vista a bem elaborada rede de intercâmbios promovida a partir da *Violeta* que, enquanto circulou, cumpriu à risca a sua missão¹⁰.

A publicação da *Violeta*, como típica representante da pequena imprensa, constituiu uma atividade unipessoal, com a concentração do conjunto de ações editoriais nas mãos da proprietária Julieta de Melo Monteiro. Nesse sentido, Julieta atuava como gerente, redatora e revisora, mas também controlava de perto os serviços de impressão e a distribuição do periódico. Com muito cuidado, dedicava-se também ao intercâmbio do jornal, sendo bastante ciosa com a permuta realizada com outras redações de folhas não só sulinas, como

¹⁰ Versão adaptada e ampliada a partir da publicada em: *Miscelânea: Revista de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária, Literatura Comparada e Literaturas de Língua Portuguesa*, v.14, p.125-141, 2013.

também de quase todas as províncias brasileiras e do exterior.

As experiências de Julieta Monteiro no seio da imprensa literária e feminina, com a *Violeta*, seriam marcantes para a sua carreira e, em muito seriam utilizadas em outra experiência editorial, esta comandada pela sua irmã, Revocata Heloísa de Melo que, com o auxílio de Julieta, editou por seis décadas o *Corimbo*, uma das mais longevas publicações femininas brasileiras. Além disso, Julieta Monteiro colaborou com diversos periódicos sul-rio-grandenses, brasileiros e do exterior. No campo bibliográfico, Julieta produziu *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1892), *Coração de mãe* (coautoria com Revocata, 1893), *Alma e coração* (1898), *Berilos* (coautoria com Revocata, 1911), e *Terra sáfara* (obra póstuma, 1928). Teve assim uma profícua atuação intelectual, ao longo de sua existência (1855-1928), sustentando diversas bandeiras como o ideal abolicionista, a assistência aos desvalidos, a luta pela emancipação feminina por meio da educação e a oposição ao regime ditatorial que dominou o Rio Grande do Sul, ao longo da República Velha. Nessa linha, atingiu significativa notoriedade, que lhe trouxe inabalável reconhecimento intelectual (FLORES, 1999, p. 350-351; SCHIMIDT, 2000, p. 306-319; SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 308; e COELHO, 2002, p. 314).

Além da editora, com as atribuições de direção e redação da *Violeta*, Julieta de Melo Monteiro, ainda no início de sua jornada, também teve nas páginas do periódico o espaço para a sua ação como poetisa, vindo a publicar várias de suas composições poéticas. Nelas, Julieta identificou-se pelas iniciais de seu nome, ou ainda como Penserosa, um dos pseudônimos que utilizou. Os

temas abordados nos poemas foram variados, refletindo algumas de suas vivências pessoais e sociais, bem como os primórdios de algumas de suas bandeiras de luta, vindo ao encontro da perspectiva pela qual a criação poética traz íntimas inter-relações com o contexto vivido pela criadora. Os versos editados por Julieta Monteiro na *Violeta*, pelas datas com as quais alguns eram identificados, correspondem a um período um pouco mais extenso do que a própria existência do periódico, ou seja, desde o ano de 1875 até o de 1879.

A marca essencial de seus escritos era o tom melancólico, com a preferência por temáticas calcadas na tristeza, tendo muitas vezes a morte como um fator motor de seu trabalho. Ela conviveu com a finitude da vida bem próxima de si, fosse em relação ao contexto histórico – com os constantes enfrentamentos bélicos que acompanhou, fosse no âmbito familiar, com as tantas perdas sofridas. Tais vivências somadas aos fatores de inspiração artística corroboravam com a expressão utilizada pelo prefaciador de um de seus livros, Luiz Guimarães, ao caracterizar a criação de Julieta como uma queixosa flor da melancolia (MONTEIRO, 1891, p. 10).

Em meio aos cuidados formais, envolvendo aspectos como a métrica e a rima, a poesia traz em si também uma série de figuras de linguagem e, notadamente, metáforas, que carregam consigo as interpretações do real e do imaginário. Nesse sentido, o texto poético é a arena na qual se digladiam duas formas de realidade, a descoberta e a recriada, em uma tensão que é a própria essência da poesia. Sob o prisma da conotação/denotação, a criação poética constitui a tensão entre a camada denotativa, reflexo do mundo físico, e a camada conotativa, desenvolvida no contexto

do poema, em um quadro pelo qual a poesia igualmente se desintegraria caso se anulasse qualquer uma das camadas. Assim, a poesia se define como uma relação de opostos, equilíbrio instável entre duas forças, uma que aproxima da realidade contingente, outra que favorece a criação de uma realidade nova, à imagem e semelhança da primeira (MOISÉS, 1977, p. 143-144). Nesse sentido, a criação poética de Julieta Monteiro carregava em si essa mescla entre suas vivências e as manifestações criativas de sua arte.

Dessa maneira, as escolhas de Julieta pelos caminhos da melancolia se prenderam à própria expressão de sua realidade concreta e às concepções criativas e estéticas que a cercavam. O melancólico como alimento da verve poética vem ao encontro da perspectiva de fazer da melancolia o apanágio se não do próprio pensamento, pelo menos da intencionalidade que caracteriza a relação humana com o mundo, no sentido de que comporta em si a própria finitude, redundando daí uma verdadeira referência universal à melancolia. Fica demarcado assim um efeito de sedução do melancólico, muito comum entre poetas e romancistas, a serviço da composição do campo perceptivo, seja ela apenas imaginária ou propriamente artística. A partir daí o artista cria as formas do melancólico e as reinsere no seio da realidade sensível submetida, daí por diante, a uma harmonia preestabelecida, e, ao sabor de sua fantasia, elabora uma composição que articula em seu seio o sentimento e a realidade (LAMBOTTE, 2000, p. 10-11 e 199-201). Tais características (ALVES, 2018, p. 69-70) estiveram plenamente presentes nos versos publicados na *Violeta*.

O poema intitulado “Crepúsculo” (VIOLETA, 7 abr. 1878, p. 3) correspondente a 12 de maio de 1875, trazia uma Julieta Nativa de Melo – seu nome de solteira – enamorada. No ano seguinte ela se casaria com o jornalista e poeta português, residente no Rio Grande, Francisco Guilherme Pinto Monteiro. A incorporação do sobrenome do marido traria o nome pelo qual ela ficaria reconhecida. Ainda que a relação romântica fosse a tônica, os versos não perdiam o tom melancólico, marcado pela saudade e pela ansiedade pelo próximo encontro:

Agora que a noite desce,
E o dia saudoso espira;
Como minha alma suspira
Saudosa do teu amor!

Se esta hora era a bendita
Dos nossos puros anelos,
Dos nossos sonhos mais belos
Cheios de crenças e ardor.

E tu, responde, distante
Do seio que te estremece;
Teu ser também não se aquece
Na doce recordação?

Não lembras que ontem ditosos,
Falamos de amor constante;
E que hoje, longe, distante,
Palpita teu coração!

Oh debes lembrar-te, eu creio!
Tua alma é toda poesia,

Não pode olvidar num dia
Protestos de amor sem fim!

Vem, não tardes, eu te espero
Cheia de louca ansiedade:
Que eu morrera de saudade,
Se te esquecesses de mim!...

Um fio condutor da existência de Julieta esteve articulado à sua irmã Revocata Heloísa de Melo. Além da fraternidade familiar, havia entre as duas uma cumplicidade pessoal e artística, inclusive na manutenção de seus projetos editoriais, pois Revocata foi uma das maiores colaboradoras da *Violeta*, ao passo que Julieta fez o mesmo em relação ao *Corimbo*. Nesse sentido, outro poema de Julieta Monteiro incluso na *Violeta*, datado de abril de 1878, intitulava-se “À minha irmã” (VIOLETA, 28 abr. 1878, p. 3):

Desse ditoso passado,
Guardo saudades sem fim;
Ai minha irmã adorada,
Nunca te esqueças de mim.

Revocata ouve o meu canto,
Despido de doce encanto,
Mas rorejado do pranto,
Que a saudade faz nascer;
Lá quando à tarde se inclina,
Envolta em densa neblina,
E morre no mar a ondina,
Não ouves terno gemer?

Não ouves voz maviosa,
Tristonha, meiga, chorosa,

Falar de quadra formosa
Que além nas sombras morreu,
Não te recorda o passado,
Sonho de amor encantado,
Em que vivia a teu lado
Um santo amor qual o meu?

Não lembras nossos brinquedos
Os nossos sonhos tão ledos,
Nossos risonhos folguedos
Que nunca mais voltarão?
E nuvem de atra amargura
Meiga e gentil criatura,
Dentro em tua alma tão pura,
Não sentes passar então?

É que essa quadra querida,
A mais tranquila da vida.
Oh! nunca, nunca se olvida,
Deixa saudades sem fim;
E nós, dois ramos nascidos
Juntos, e juntos crescidos,
Devemos viver unidos,
Ao menos em sonhos, sim?

A figura materna também foi homenageada pela poetisa, com o poema “Mãe”, datado e editado em maio de 1878, referência ao mês alusivo ao tema em pauta (VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2). A progenitora de Julieta chamava-se Revocata dos Passos Figueroa de Melo e foi também poetisa. Nos versos, a autora não só homenageava à sua mãe, mas também enaltecia a maternidade, como um dos papéis sociais a ser desempenhado pelas mulheres, uma vez que, apesar de

defender a emancipação feminina, Julieta não renegava a atuação feminil no meio familiar:

Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus;
É mais santa que todas as frases
Que os anjinhos murmuram nos céus.
Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus.

É mais pura que todas as rezas
Que um infante dirige ao Senhor:
É mais linda que um sonho de virgem
Que inocente não pensa em amor;
É mais pura que todas as rezas
Que um infante dirige ao Senhor.

Tem em si mais perfumes que o lírio,
Mais doçuras que o mel, que ambrosia;
Mais fulgores que o astro brilhante,
Que as belezas da terra alumia.
Tem em si mais perfumes que o lírio,
Mais doçuras que o mel, que ambrosia.

Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus;
É mais santa que todas as frases
Que os anjinhos murmuram nos céus:
Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus.

De acordo com o teor melancólico marcante na obra de Julieta de Melo Monteiro, outros versos por ela publicados na *Violeta*, sem maiores identificações a não ser a expressão de abertura “À...” (VIOLETA, 19 maio

1878, p. 3), tinha por elemento constitutivo fundamental a perspectiva da morte:

Via primeiro na quadra
Das rosadas ilusões;
Ela era então flor mimosa
Branca rosa dos sertões.

Via depois quando o gelo
Que traz a desilusão,
Cobrira com longo manto
Seu sensível coração!

E mais tarde quando a morte
Roubou-me aquela afeição,
Também via, oh Deus que mágoa,
Via morta num caixão!

E hoje que para sempre
Ela repousa, aí então,
Venho sagrar-lhe este canto;
Um canto de atra aflição.

A inspiração na mitologia clássica para trazer à baila conceitos em torno da beleza constituiu o mote de um poema datado de 1878 e sem título (VIOLETA, 26 maio 1878, p. 3):

MOTE
Apolo, Minerva e Vênus,
Um conselho projetaram,
Depois dele decidido
A bela – Amélia – formaram.
Capitão J. P. de Oliveira

GLOSA

Misto de cantos amenos,
Perfumes, lírios sem fim,
Fizeram juntos assim
Apolo, Minerva e Vênus:
Depois juntaram-lhe os trenos
Que os serafins modularam,
E tal encanto encontraram
Nesse conjunto formoso,
Que em pensamento amoroso
Um conselho projetaram.

Aí foi pois discutido
Um PORTENSO projeto,
Formar um ente dileto,
Depois dele decidido;
Fosse ele um ente querido
Foi então o que sonharam,
E entre si consultaram
Um tipo de perfeição,
E cheios de inspiração
A bela – Amélia – formaram.

O carinho matrimonial era a base de “Escuta” (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 3), versos carregados de fervor conjugal, com epígrafe de Victor Hugo e dedicado a Pinto Monteiro:

A meu esposo

A toi toujours a toi. (Victor Hugo)

Tu queres um canto, desta alma que é tua,
Que é toda carinhos, ternuras por ti;
Pois bem ouve, escuta, são novos protestos
Que eu deixo-te agora gravados aqui.

Tu sabes que há muito que eu guardo no seio,
Teu nome querido, relíquia de amor,
E sabes que as frases de amor que me dizes,
São gotas de néctar de infindo dulçor.

Teus olhos serenos, se volvem-se ternos,
Nos meus se fitando com meiga expressão;
Parecem-me chispas dos astros cerúleos,
Parecem-me estrelas de mago condão!

Tua alma áurea urna, de santos carinhos,
Erário onde eu guardo meus sonhos de amor,
Tem mais harmonias que os hinos celestes,
Mais doces perfumes que os lírios em flor.

Assim se os meus sonhos de amor e esperança,
Meus doces anelos resumem-se em ti,
Recebe minha alma, meus hinos sentidos
E os ternos protestos que eu deixo-te aqui.

E lembra-te sempre que acima de tudo,
Dois entes eu amo, com ânsia e fervor,
A mãe que meus passos guiou até hoje,
E tu que me coroas de esperanças e amor!

As relações entre a intelectualidade da época
travavam-se por meio de correspondências,

intercâmbios de livros e exemplares de periódicos e também por meio de dedicatórias mútuas. Nessa linha, era comum a oferta de um poema, que recebia por resposta um outro conjunto de versos. Julieta utilizou-se de tal estratégia em composição sem título e datada de junho de 1878 (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 3):

Ao inteligente jovem o Sr. Moriwald Costa
(Em resposta às sua bela poesia)

... teus cantos inspirados
Pela luz da mocidade,

São belos como – noivados –
São ternos como – saudade. –
M. Costa

Poeta teus lindos versos
Repletos de inspiração,
Tem mais beleza que as rosas
Lindas, puras, do Japão;
Têm mais perfumes que os lírios
Os lírios do coração.

Guardo-os com santo carinho
Qual se fossem de um irmão.
Pois teus versos me inspiraram
Fraterna e santa afeição;
Criança à luz do talento
Te envolve num seu clarão!

E por isso é que relendo
As trovas tuas singelas.
Eu curvo-me ao novel gênio,
Que entoa canções tão belas.

Saudando em ti novo astro
Entre as brasílias estrelas.

E sinto não ter qual dizes
Lira por Deus inspirada,
Pois em versos te diria
Ser de rosas tua estrada;
Teres por guia alva estrela
Nunca, nunca eclipsada.

Mas planta a para das SAUDADES
Que tu cultivas criança,
De tua alma nos canteiros
Rosadas flores de esperança;
Peregrino não vaciles
Vê que o céu é bonança.

Sob o pseudônimo de Penserosa, outro poema sem título, com a data identificada apenas como 2 de outubro (VIOLETA, 7 jul. 1878, p. 3), Julieta buscava uma inspiração floral para definir os caminhos e descaminhos das relações a dois:

A peregrina flor por quem minha alma,
Louca de amor mil vezes se extasia;
Tem escrito nas pétalas perfumosas
Um poema de amor e de harmonia!

É triste como o eco de um suspiro,
De um coração ardente e apaixonado,
E é por isso que eu sonho e que deliro
Ideando futuros a seu lado.

Às vezes quando a noite estende o manto
E surge lá no céu a prima estrela,

Fitando o firmamento sem falarmos
Ficamos longas horas, eu e ela.

Oh felicidade, oh sonho que embriagas
Deixa eu viver contigo ainda um instante,
Venha embora depois, manto da morte
Envolver meu futuro deslumbrante.

Voltando a uma produção poética de 1875, a autora retomava o fulcro melancólico ao, mais uma vez, abordar a finitude da vida, nos versos intitulados “Lembrança de morrer” (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 3):

Quando no frio mármore do sepulcro,
O seio que te amou dormir sem vida,
E aragem ao passar triste e chorosa,
Desprender uma queixa dolorida;

Desprender uma queixa dolorida
Que semelhe-te a voz de um moribundo,
E o eco a repetir entre os ciprestes,
Qual gemido de dor, triste e profundo.

Qual gemido de dor, triste e profundo,
De quem lembra um passado venturoso,
Que sumiu-se nas brumas do mistério,
Deixando após de si pranto amargoso;

Deixando após de si pranto amargoso,
Irás tua alma oh flor dos meus anelos
Debruçar-se na beira do sepulcro,
E bafejar de amor os meus cabelos?

E bafejar de amor os meus cabelos,
E escutar se meu peito ainda palpita;

E se escutando a voz de quem amava,
Na fria sepultura ainda se agita?!

Ou deixando dormir ao esquecimento,
Quem tanto, tanto amor te há consagrado?
Sem ires uma vez sobre meu túmulo
Lançar um triste goivo desfolhado!?

Oh não, tua alma é cheia de ternura,
Teu coração é urna de bondade,
Bem sei que embora eu deixe a luz dos vivos,
Há de seguir-me eterna uma saudade!

Da época de seu namoro, junho de 1875, tendo a natureza como fator inspirador, Julieta fazia uma ode à sua relação com Pinto Monteiro, em “Tu e eu” (VIOLETA, 21 jul. 1878, p. 4).

Tu és o lírio que perfuma os dias
Da triste virgem que de amor delira,
Eu, violeta, que na sombra morre,
Pobre criança que por ti suspira

Tu és o raio de brilhante estrela,
Que além vagueia no azulado véu;
Eu, vaga sombra que teus passos segue,
Sombra de um sonho, que por ti nasceu.

Tu és a nota maviosa e doce
De ebúrnea lira lá no céu tangida;
Eu voz rouquenha de instrumento rude,
Voando acaso em solidão perdida!

Tu és o cisne de mimosas penas
Do lago à beira desprendendo um canto;

Eu sou a rola que em contínua queixa
Lembra saudosa, solidão e pranto!

Tu és a imagem do ideal formoso
Que nos meus sonhos a sorrir criara;
Eu a figura merencória e triste,
Que em tua mente por além passara!

O amor fraternal era a temática dos versos datados de outubro de 1877 e intitulados “No álbum de minha irmã” (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 3). A homenagem à Revocata Heloísa de Melo se dava com base em elementos da natureza e em lembranças da infância. Apesar do tom predominantemente alegre, a escritora não deixava de destacar que a vida era um misto de risos e dores:

Quem entre os risos, os festins, as galas,
O amor e as mágoas que esta vida tem.
Não acha uma hora para lembrar saudoso,
A doce quadra que sumiu-se além?

Quem não relembra da passada infância
Gratas venturas que não voltam mais?
E que não verte doloroso pranto,
Quem não repete a soluçar – jamais!?

Ninguém, que a quadra em que o viver é sonho,
E o mundo um vale de perenes flores,
Também a mente é um turbilhão de risos,
E um ermo eterno de martírio e dores.

Assim meu anjo, minha flor querida,
Ai quantas vezes a cismar saudosa;

Chora minha alma recordando a infância
Flor que no caule já pendeu mimosa:

E tua imagem meiga flor diletta,
Sombra que eu tinha junto a mim constante,
Então mil vezes na minha alma a acorda
O amor fraterno de meu seio amante.

Um ambiente à beira-mar, típico da cidade do Rio Grande, onde Julieta Monteiro passou toda a sua existência, constituía o cenário do primeiro encontro entre a escritora e o poeta que viria a ser o seu marido. Ela apelava para a memória do amado já no título da composição datada de dezembro de 1875 e denominada “Lembras-te” (VIOLETA, 4 ago. 1878, p. 3):

Morria a tarde, o sol rubro esplendente
Num leito de safira reclinado,
Mandava o último adeus, ao bosque, às flores,
E um suspiro às boninas do valado.

Sobre as ondas do mar, manso, tranquilo,
Vogava uma barquinha nívea e bela;
Cantava o pescador, e ao longe eco
Repetia a canção triste e singela.

Do jasmineiro as flores odorosas,
Tombavam sobre alfombras de verdura;
E ao longe, muito ao longe a meiga frauta,
Soluçava de amor e de ternura.

Que tarde de emoções, lembrás poeta?
A natureza inteira se expandia,
Entreabrindo-se as flores mais mimosas
Aos bafejos da aragem que fugia.

Foi nessa tarde plácida e serena
Que pela prima vez nós nos falamos;
Recordaste, que amor e que mistério,
Que poemas meu Deus nós ideamos!

Que essa tarde passou bela e serena,
Bem me lembra meu Deus, faz hoje um ano,
E eu sou muito feliz por quem minha alma,
Jamais passou o véu do desengano!

A melancólica tristeza era compartilhada pelos namorados, em dezembro de 1875, tanto que Julieta citava versos de autoria do próprio futuro esposo, para servirem de epígrafe aos seus, mantendo a essência fundamental, sob o título “Sou triste” (VIOLETA, 18 ago. 1878, p. 2-3):

Sou triste como o adeus de um moribundo,
Como em noite sem fim incerto lume;
E minha alma se apaga neste mundo
Como a chama sutil de um vagalume.
(Pinto Monteiro)

Sou triste como o eco de um gemido,
Dum seio já sem crença e sem amor;
Como em meio de um bosque solitário,
A saudosa cantiga do pastor.

Sou triste como o goivo do sepulcro
Banhado pelas lágrimas do céu:
Como o pranto dorido da viúva,
Chorando o terno esposo que perdeu.

Sou triste como a frágil parasita,

Que o vento na passagem derrubou;
Como é triste lembrarmos essa quadra,
Que tão bela nos foi, mas que passou!

Sou triste como ouvir em horas mortas,
Nas janelas o vento sibilar;
Como em meio de um campo solitário,
Da coruja o terrível gargarhar!

Sou triste como em meio do naufrágio,
Ouvir do marinheiro a voz queixosa,
Só tendo por resposta a voz do vento,
E o bramido da onda revoltosa.

Sou triste como a planta que definha,
Sem orvalho, sem sol, só entre abrolhos;
E como ela eu morrera muito cedo,
Se não visse uma luz, a de teus olhos.

Identificado apenas como elaborado na década de 1870, “Meu nome” (VIOLETA, 15 set. 1878, p. 3) trazia uma tristeza profunda e duradoura na sua essência, versando sobre lamentos e morte:

Meu nome é triste e funéreo;
Como o derradeiro alento,
Dos lábios de um moribundo,
Na hora do passamento.
É como o eco do bronze
No seu dobrar agourento.

J. P. Ribeiro

Meu nome é triste e sentido
Como da vaga o gemer;
Eco de um canto perdido

Que vai nos ermos morrer;
Não diz amor sem ternura,
Não tem perfume ou magia;
É pobre flor da espessura
Batel sem norte, sem guia.

Meu nome é triste lamento
Da onda beijando a praia,
Merencório pensamento
Ou flor que na haste desmaia;
Tem mais tristezas que o dobre
Do sino no fim do dia;
Meu nome é mesquinho e pobre
Jamais inspira alegria.

Meu nome é o grito agoureiro
Dos mochos no cemitério;
É soluço derradeiro
Da alma que guarda um mistério;
Meu nome é flor sem perfume,
É luz que aos poucos se esvai,
É pranto, mas de ciúme
Que mudo desliza e cai.

A finitude da existência era mais uma vez o mote de versos identificados apenas como “***” e datados de 1878 (VIOLETA, 6 out. 1878, p. 3). A referência era demarcada pela perda da tia de Julieta Monteiro, Amália dos Passos Figueroa, também poetisa, que pouco antes falecera:

Viveu como uma flor tão curta vida
Ou foi uma esperança falecida,
Ou sonho que acabou;
(B. de Oliveira)

Ela era como a meiga violeta
Pudibunda, gentil, mimosa e bela,
Tinha na frente o fogo da poesia.
Tinha no olhar os raios da alva estrela,
Ela era como a meiga violeta,
Pudibunda, gentil, mimosa e bela.

Tirava do alaúde sons divinos
Quando cantava o amor e a natureza,
Tinha no seio as crenças de donzela,
E amava os sonhos de ideal beleza;
Tirava do alaúde sons divinos,
Quando cantava o amor e a natureza.

Indiferente aos gozos desta vida
Vivia a suspirar talvez, por Deus;
E Ele que a escutava nas alturas
Chamou-a para habitar junto dos seus;
Indiferente aos gozos desta vida,
Vivia a suspirar talvez por Deus.

A tradicional inspiração na morte associou-se à data do Dia de Finados e à recente morte da tia para a publicação de “Dois de Novembro – No cemitério” (VIOLETA, 3 nov. 1878, p. 3):

Quanto pranto meu Deus, quanta tristeza,
Que insondável mistério de ansiedade;
Quanta esperança desfeita num momento
Quanto goivo enlaçado de saudade?
Quanto pranto meu Deus! quanta tristeza,
Que insondável mistério de ansiedade.

Quanto rosado sonho de futuro,

Quanta ilusão ali no pó descansa;
Quanto anelo de glória, quanta crença
Dorme em seio de vate e de criança;
Quanto rosado sonho de futuro,
Quanta ilusão ali no pó descansa!

Tudo fala de dor, tudo são sonhos
Traduzindo mistérios de amargura;
Em cada campa encerra-se uma história
Que lembra a um coração doce ventura;
Tudo fala de dor, tudo são sonhos
Traduzindo mistérios de amargura.

Aqui era uma flor que desabrochava
Aos bafejos sutis do amor materno;
Ali meiga criança que inocente,
Só vivia a sonhar com o lar paterno;
Aqui era uma flor que desabrochava
Aos bafejos sutis do amor materno.

Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dor penetrante,
Depois um seio virgem um poeta,
Uma mãe alva estrela deslumbrante;
Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dor penetrante.

E de tantas imagens adoradas
De tantos seres caros à nossa alma,
Restam cinzas geladas num sepulcro
Restam prantos de dor que não se acalma;
Ai de tantas imagens adoradas
De tantos seres caros à nossa alma.

Oremos pois, os prantos e os suspiros
Misturemos às queixas do arvoredos,

Aos agourentos pios da coruja,
Aos mistérios cruéis desse degredo;
Oremos, pois, os prantos e os suspiros
Misturemos às queixas do arvored.

Pouco depois, os versos de Julieta Monteiro assumiam um jaez autobiográfico, ao refletir “Quem sou eu?” (VIOLETA, 17 nov. 1878, p. 2-3), mescla das belezas dos tons naturais com a frieza da inspiração funérea:

Quem sou eu? Perguntei às florinhas
Aos regatos, às brisas do val;

Tudo mudo ficou, e eu chorando
Perguntei ao vizinho rosal:

- Quem sou eu que no meio dos gozos
“Em que as outras se julgam ditosas,
“Busco embalde um sorriso, uma esperança,
“Uma aurora de quadras formosas?

E o rosal tristemente fitou-me,
Suspirando depois respondeu:
- És criança que vives chorando
“Tua sorte dizer não sei eu.

Triste então como pobre vivente
Que só ama o que é atro e funéreo,
Quis saber quem eu era, e se acaso
Minha sina seria um mistério.

E ao goivo, ai à flor dos sepulcros,
Perguntei com tristeza sem fim:
- diz-me, acaso tu sabes quem sou?
E a florinha esfolhou-se ante mim.

Eu então já descrida, entre prantos
"Como a flor que o tufão desfolhou,
Escrevi no meu livro de crenças:
"Nada espero porque nada sou."

Um paralelo entre o ambiente rural e o urbano, a simplicidade e o luxo, a sinceridade e a mentira, o burburinho e a quietude servia de tema para os versos intitulados "Canto da Serrana" (VIOLETA, 22 dez. 1878, p. 3), com uma tomada de posição da autora em relação às comparações, optando pelas categorias expostas associadas à simplicidade, escolha que estaria a trazer-lhe mais incompreensões:

Eu não gosto das salas suntuosas
Onde só a lisonja e o luxo impera,
Gosto mais do viver da minha choça
Onde há sempre o sorrir da primavera.

Eu não amo essas falas mentirosas
Que se dizem nas salas de esplendores,
Gosto mais de escutar as doces vozes
Dos serranos gentis, dizendo amores.

Eu não vivo a idear sedas, veludos,
Diademas que ofusquem com seu brilho
Sonho apenas coroar a minha fronte,
Com o recendente cândido junquilha.

Eu não amo a harmonia das orquestras;
Não encontro o dulçor que me inebria
Senão nesses cantares que eu escuto
No bosque e no sertão durante o dia.

E por isso ninguém me compreende
Ninguém vem dar-me um canto na sua alma;
É que o mundo só vive de esplendores,
E eu,... só das afeições desejo a palma.

Os intercâmbios e inter-relações no campo da poesia ficavam demarcados mais uma vez na produção artística de Julieta, em “Não descreias” (VIOLETA, 20 abr. 1879, p. 3), título datado pelo ano de 1879, no qual ela respondia à criação poética de outro escritor:

Em resposta à poesia “Descrença” do inspirado poeta
Sr. Machado da Cunha

Quem há no mundo que aflições não passe
Que dores não suporte?

(...)

A vida é um fio negro de amarguras
E de longo sofrer;

Semelha a noite; mas fagueiros sonhos
Podem de noite haver.

Gonçalves Dias

Poeta que sofrer te dilacera,
Que dor tão fundo o seio teu oprime!
Acaso as glórias que sonhaste um dia
O amor, os sonhos de ideal sublime
Vistes desfeitos pelo pó rolares?!
Porque soluças?

Que martírio oculto
Dorme em teu seio de poeta ardente?
Porque a descrença com seu longo manto
Há de teus sonhos envolver tão cedo?...
Não vês que a glória te acenando ufana
Diz-te: – caminha que eu feliz te espero...

Porque descrever quanto o futuro é lindo?!

Se em meio aos lírios perfumosos, belos,
Que em tua estrada hás deparado, acaso
Tristonho goivo se enlaçou choroso:
É que o poeta tem de dor a sina;
Entes fadados a viver cantando,
Misturam rosas aos ferais ciprestes,
Tristes suspiros a sorrisos ledos.

Canta poeta, mas não só tristezas,
Deixa a esperança vir de quando em quando
Terna e mimosa bafejar teus cantos;
Porque há de a frente que nasceu quem sabe,
Para ser coroada de virentes louros
Tombar gelada sobre um chão sem crenças?!

Oh este vale a que chamamos mundo,
Este deserto só de mágoas cheio,
Não, não merece teus sentidos prantos,
Pois não compreende tão profundas dores.

A “Tristeza” (VIOLETA, 20 abr. 1879, p. 3), marca registrada das composições poéticas de Julieta de Melo Monteiro, já ficava demarcada desde o título e se alastrava pelos versos que compunham o poema, também datado como 1879:

Não sei que tristeza imensa,
Que dor tão funda, meu Deus,
Vem qual nuvem de desgraça
Turbar róseos sonhos meus,

Às vezes quando à tardinha
Na mão a face apoiada,

Relembro passados gozos
Sonhos da alma apaixonada:

Parece que a meus ouvidos
Soa voz desconhecida,
Eco talvez da que outrora
Era por mim tão querida.

Não sei, apenas conheço
Não ser mais quem fui outrora!
Nuvem de dor abafou-me
Sorrisos inda na aurora.

Um verdadeiro emblema presente na obra de Julieta Monteiro, a luta pela emancipação feminina, também se fez presente em meio aos poemas por ela publicados na *Violeta*. A busca de um novo papel social para a mulher foi um dos temas mais recorrentes nos escritos da autora, presente no conteúdo de seus livros e de artigos jornalísticos, defendendo ardorosamente a educação e a instrução como elementos fundamentais para os progressos no meio feminil. Nesse sentido, em “O estudo” (*VIOLETA*, 20 abr. 1879, p. 4), Julieta propunha que as mulheres deveriam instruir-se, colocando tal ação como uma de suas prioridades, deixando de lado certas frivolidades, que então eram associadas ao feminino, para dedicarem-se ao estudo como forma de buscarem as luzes do saber, em oposição às trevas que lhes cercavam:

É no estudo apurado das letras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas,
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,
Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois oh! flores singelas,
Meigas virgens que em trevas viveis;
Que áureo prêmio de vossos trabalhos,
No saber muito breve achareis.

Em “Vida na roça” (VIOLETA, 11 maio, 1879, p. 4), datado de 1879, Julieta Monteiro rememorava um ambiente bucólico, com referências à qualidade de vida e à tranquilidade do cenário e dos hábitos de vida concernentes ao meio rural:

Levantar quando o dia desponta,
Ver o gado pastando no val,
E ir ainda tontinha de sono
Tomar leite no fresco curral:

Depois leda correr nas campinas,
Colher flores agrestes, mimosas.
Escutar os trinados das aves,
Das roceiras cantigas saudosas:

À tardinha na beira da estrada
Ver a tropa passar, e o tropeiro
Recordar em seu canto saudoso,
Doce infância, áureo tempo fagueiro:

E mais tarde lá quando da noite,
Negro véu se estendeu pelos ares,
Ver bailar as alegres roceiras

Ao som meigo de alegres cantares:

É a vida querida da roça
Doce vida que eu sempre amarei:
Ai dos dias aí deslizados
Que profundas saudades guardei!

Também com a data de 1879, em “Uma noite no mar” (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 3), Julieta trazia sua admiração por uma conjuntura com a qual conviveu por toda a sua existência, ou seja, o contexto litorâneo. Tendo nascido e morado na cidade do Rio Grande, único porto marítimo sul-rio-grandense, a poetisa convivía muito proximamente com a estrutura portuária citadina, além de também poder ter compartilhado de uma das estações balneárias originais do sul do Brasil, fundada no âmbito praiano, ao final do século XIX:

Não há nada mais triste e mais belo
Que uma noite passada no mar;
Escutando os gemidos das vagas,
Dos marujos o triste cantar:
Não há nada mais triste e mais belo
Que uma noite passada no mar.

Quer a lua se oculte entre nuvens,
Quer se ostente brilhante o luar,
Tem encantos que prendem, seduzem,
Uma noite passada no mar.
Quer a lua se oculte entre nuvens
Quer se ostente brilhante o luar.

Passam brisas que dizem segredos
Que despertam no seio a cisma,
Geme o vento nas velas da barca

Como é bela uma noite no mar!
Passam brisas que dizem segredos
Que despertam no seio a cismar.

Dentro da alma despertam saudades
De um passado de imenso gozar:
Astros, brisas, gemidos das (...).
Tudo é belo (...)!
Dentro da alma despertam saudades
De um passado de imenso gozar.

Vai nossa alma num voo de garça
Em longínquas paragens vagar.
Cabem prantos na face abatida
De quem passa uma noite no mar...
Vai nossa alma num voo de garça
Em longínquas paragens vagar!

A perda da crença ou mesmo a renegação da mesma constituem a temática de “O descrido” (VIOLETA, 29 jun. 1879, p. 3), datado de 1879 e assinado com o pseudônimo Penserosa. Após descrever um ambiente natural caracterizado pelos dons da beleza e da harmonia, a escritora fazia referência a um indivíduo indiferente a todo aquele cenário, ficando reconhecido pelos outros por uma suposta loucura, ao passo que declarava o seu descrédito para com o mundo e a própria humanidade:

Não perguntem sua história,
Não tentem sabê-la, não;
Já teve amor, teve crenças,
Hoje não tem coração.

Desce a noite, o céu tem astros
Cheios de vivo esplendor;
Brincam na praia as ondinas,
A brisa murmura – amor –
Desce a noite o céu tem astros
Cheios de vivo esplendor.

Os vagalumes nos ares,
Com seus luzeiros incertos
Voam, revoam travessos
Pousam nos galhos quietos.
Os vagalumes nos ares
Com seus luzeiros incertos.

Na terra tudo tem galas,
Nos ares tudo harmonia,
No firmamento esplendores,
No coração – poesia –
Na terra tudo tem galas,
Nos ares tudo harmonia.

Só ELE passa insensível,
Frio, mudo indiferente;
A multidão chama – o louco –
Ele se chama – descrente! –
Só ELE passa insensível
Frio, mudo indiferente.

Uma crítica de teor literário era a mola propulsora dos versos datados de 1879 e intitulados “As novas ideias - a propósito de uma crítica” (VIOLETA, 6 jul. 1879, p. 4). No poema, Julieta Monteiro defendia o estilo literário que vinha empregando, buscando deslegitimar as premissas de outra escola que estaria a tentar sobrepor-se àquela. Utilizando-se das inspirações

da natureza, tão comuns às suas composições, a poetisa dizia não ver lugar para a disputa em relação às “novas ideias”:

Na época fatal em que o lirismo expira
Não me é dado cantar senão mundanas galas;
Pois bem, não falarei de rosas, nem perfumes;
Conquanto é bem real que há – rosas – pelas salas.

Oh frio realismo, oh torpe e inexorável
Diz-me o que hei de cantar que agrade à tua escola?
As galinhas? o gato? as couves lá da horta?
Meu Deus! que realismo em minha mentirola.

No que hei de me inspirar? nos lírios da campina,
Nos arbustos gentis, nas róseas borboletas?
Não, que tudo emudece quando o lirismo morre
Só crescem girassóis, matando as violetas.

Pois bem, se não encontro jamais o que me inspire
Desde que nas áureas nuvens o ideal alou-se,
Adeus musas gentis, de mim não mais se lembrem
Que com o ideal, o estro meu finou-se.

O último poema publicado por Julieta de Melo Monteiro na *Violeta* era também datado do próprio ano da edição, 1879, e, mais uma vez ela apresentava-se como Penserosa. Em “A cega” (VIOLETA, 13 jul. 1879, p. 4), a escritora reforçava o tom melancólico, ao narrar a existência de uma mulher que tinha de enfrentar a privação da visão. Além das limitações impostas à “cega”, a narrativa poética encerrava-se de maneira extremamente soturna, pois a única luz que ela teria conseguido enxergar fora exatamente a de “outra vida”:

Tinha na nívea face peregrina
Muito encanto meu Deus; mas a tristeza
Parece que estendera um véu sobre ela,
Ai sobre aquele anjinho de beleza.

Amava o seu jardim, que nunca vira,
Conversara com as brisas e com as flores,
Falava-lhes de amor, e só Deus sabe,
Que poemas de crenças e de ardores.

Passava horas inteiras no silêncio,
A pensar no presente e no futuro;
Ai pobre flor que em sombras se criara,
Sem jamais contemplar um céu mais puro.

Um dia pareceu-lhe que essas trevas
Que a tanto lhe cercavam a existência,
Dissipavam-se e via um astro puro,
Um astro sem igual magnificência.

Pobre cega, o clarão que a deslumbrava
Era a luz de outra vida mais brilhante:
Abrira-se pra ela a vida eterna,
Porque a tanto vivia ela anelante.

Assim, desde os primeiros escritos, na mocidade, até os últimos, já nos estertores de sua vida, Julieta Monteiro teve a melancolia como o norte de suas criações. Ao articular realidade, criatividade artística e concepções estéticas, a poetisa encontrava na tristeza uma linguagem que trazia a conexão entre o universal e o pessoal. Havia também a própria sedução pelo melancólico, de modo que seus versos visavam à busca de uma identidade com o leitor, encontrada

provavelmente com maior intensidade no compartilhamento das dores (ALVES, 2018, p. 77). Tais fundamentos da obra poética de Julieta já se encontravam no início de sua carreira, como ficou demarcado em suas composições apresentadas nas páginas da *Violeta*. Como editora e poetisa, Julieta de Melo Monteiro dava os passos iniciais, com seu precursor periódico literário e feminino, para transformar-se em uma das mais importantes mulheres escritoras do Brasil do final do século XIX e primórdios da centúria seguinte.

Fontes:

O COMERCIAL. Rio Grande, 18-19 mar. 1878. A. 21. N. 65. p. 1.

VIOLETA. Rio Grande, 31 mar. 1878. A. 1. N. 3. p. 1.

VIOLETA. Rio Grande, 7 abr. 1878. A. 1. N. 4. p. 1 e 3.

VIOLETA. Rio Grande, 14 abr. 1878. A. 1. N. 5. p. 1.

VIOLETA, Rio Grande, 28 abr. 1878. A. 1. N. 7. p. 3.

VIOLETA, Rio Grande, 12 maio 1878, A. 1, n. 9, p. 2.

VIOLETA. Rio Grande, 19 maio 1878. A. 1. N. 10. p. 1 e 3.

VIOLETA, Rio Grande, 26 maio 1878. A. 1. N. 11. p. 3.

VIOLETA. Rio Grande, 23 jun. 1878. A. 1. N. 15. p. 1 e 3.

VIOLETA. Rio Grande, 30 jun. 1878. A. 1. N. 16. p. 1 e 3.

VIOLETA, Rio Grande, 7 jul. 1878. A. 1. N. 17. p. 3.

VIOLETA. Rio Grande, 14 jul. 1878. A. 1. N. 18. p. 1 e 3.

VIOLETA. Rio Grande, 21 jul. 1878. A. 1. N. 19. p. 1 e 4.

VIOLETA. Rio Grande, 28 jul. 1878. A. 1. N. 20. p. 1 e 3.

VIOLETA, Rio Grande, 4 ago. 1878. A. 1. N. 21. p. 3.

VIOLETA. Rio Grande, 18 ago. 1878. A. 1. N. 23. p. 1 e 2-3..

VIOLETA. Rio Grande, 25 ago. 1878. A. 1. N. 24. p. 1-2.

VIOLETA, Rio Grande, 15 set. 1878. A. 1. N. 27. p. 3.

VIOLETA. Rio Grande, 22 set. 1878. A. 1. N. 28. p. 1.

VIOLETA. Rio Grande, 29 set. 1878. A. 1. N. 29. p. 1-2.

VIOLETA. Rio Grande, 6 out. 1878. A. 1. N. 30. p. 2 e 3.

VIOLETA. Rio Grande, 20 out. 1878. A. 1. N. 32. p. 1.

VIOLETA. Rio Grande, 27 out. 1878. A. 1. N. 33. p. 2.

VIOLETA. Rio Grande, 3 nov. 1878. A. 1. N. 34. p. 1 e 3.

VIOLETA. Rio Grande, 10 nov. 1878. A. 1. N. 35. p. 2.

VIOLETA. Rio Grande, 17 nov. 1878. A. 1. N. 36. p. 1 e 2-3.

VIOLETA. Rio Grande, 1º dez. 1878. A. 1. N. 37. p. 1.

VIOLETA. Rio Grande, 8 dez. 1878. A. 1. N. 38. p. 2.

VIOLETA. Rio Grande, 22 dez. 1878. A. 1. N. 40. p. 2 e 3.

VIOLETA. Rio Grande, 29 dez. 1878. A. 1. N. 41. p. 1.

VIOLETA. Rio Grande, 6 abr. 1879. A. 2. N. 43. p. 2.

VIOLETA. Rio Grande, 13 abr. 1879. A. 2. N. 44. p. 2.

VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879. A. 2. N. 45. p. 3 e 4.

VIOLETA. Rio Grande, 11 maio 1879. A. 2. N. 47. p. 1 e 4.

VIOLETA. Rio Grande, 1º jun. 1879. A. 2. N. 49. p. 1.

VIOLETA. Rio Grande, 15 jun. 1879. A. 2. N. 50. p. 2 e 3.

VIOLETA, Rio Grande, 29 jun. 1879. A. 2. N. 51. p. 3.

VIOLETA. Rio Grande, 6 jul. 1879. A. 2. N. 52. p. 1 e 4.

VIOLETA. Rio Grande, 13 jul. 1879. A. 2. N. 53. p. 1 e 4.

Referências bibliográficas:

ALVES, Francisco das Neves. Nos limiares da civilização: a imprensa literária rio-grandina na década de 1860. In: _____ (org.). *Por uma história multidisciplinar*

do Rio Grande. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999a. p. 49-52.

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande. Ed. da FURG, 1999b.

ALVES, Francisco das Neves. A imprensa literária rio-grandina na segunda metade do século XIX. *Artexto – Revista do Departamento de Letras e Artes*, Rio Grande, v. XI. p. 9-28, dez. 2000.

ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002. p. 142.

ALVES, Francisco das Neves. A imprensa literária no sul do Brasil no século XIX. In: VAZ, Artur Emílio Alarcon et al (orgs.). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG; Rio Grande: FURG, 2005. p. 27-56.

ALVES, Francisco das Neves. *Escrita feminina no sul do Brasil: Julieta de Melo Monteiro: autora, poetisa, editora e militante*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2018.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre & SILVEIRA, Carmen Consuelo. O Parthenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina et al (org.). *O Parthenon Literário: poesia e prosa – antologia*. Porto Alegre: EST - São Lourenço de Brindes, Instituto Cultural Português, 1980. p. 12-16.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868 a 1880)*. Porto Alegre: EST - São Lourenço de Brindes, 1982.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. A *Arcádia* e a história literária sulina. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999. p. 43-47.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, CORAG, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2000.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.

MOISÉS, Massaud. *A criação poética*. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

MONTEIRO, Julieta de Melo. *Oscilantes*. Pelotas: Livraria Universal, 1891.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Julieta de Melo Monteiro. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 306-319.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

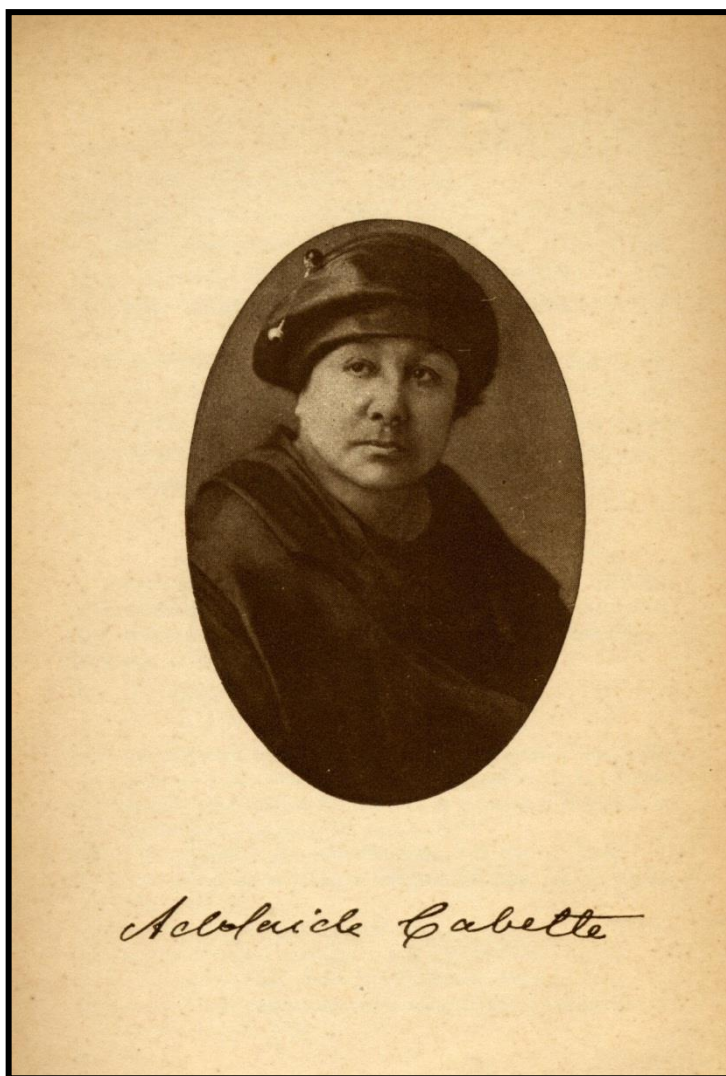
SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

A batalha de Adelaide Cabete em *A Batalha* - higienismo no feminino

Isabel Maria da Cruz Lousada

A partir do suplemento semanal 'literário e ilustrado' do jornal *A Batalha* (1919-1927), foram seleccionados os textos que Adelaide Cabete, Presidente do CNMP (Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas), fez sair a partir 3 de Dezembro de 1923, naquele que chegou a ser o segundo periódico de maior tiragem no nosso país, assinando, Adelaide Cabete médica. As batalhas que travou na vida foram muitas, assim como profícua foi a sua intervenção e empenhada a sua luta. Contudo, em que medida os textos que insere neste suplemento testemunham o pioneirismo por que foi (e é) motivo de orgulho para tantas mulheres? Da sua leitura decorre uma necessária reflexão em torno de variados conceitos, de entre eles o de higienismo. Que ideias quis partilhar sobre a saúde e educação para o universo feminino? O seu apego à protecção das mulheres grávidas pobres, anunciado desde cedo (1900) não deixa de se manter constante. Detalhes de uma vida a revisitar!



Quatro anos após a publicação do primeiro número do jornal *A Batalha*, editado em Lisboa, entre

1919 e 1927, vem à luz a 3 de Dez de 1923 o seu suplemento semanal, literário e ilustrado, acompanhando a edição daquele que viria a ser o segundo jornal de maior tiragem do nosso país, à época. Este suplemento saía à segunda-feira, substituindo a publicação do diário – dado que ao domingo não se trabalhava naquela redacção. Este diário era o órgão da CGT (Comissão Geral de Trabalhadores) e na sua génese assistiram os princípios de defesa da sua classe. De orientação anarco-sindicalista, foi respeitado muito para além das balizas ideológicas por elas subscritas.

Não sendo este jornal o objecto da minha apresentação, a ele sumariamente recorro para mostrar a pluralidade, desde logo, na actuação de Adelaide Cabete, que clama uma releitura do seu percurso em busca da essência do feminismo nesta médica – que em 1900 foi a terceira mulher a licenciar-se em medicina em Portugal.

Desde logo se afigura pertinente referir que o primeiro texto assinado por Cabete no Suplemento é de 18 de Fevereiro de 1924, na secção “Palestras sobre Higiene”, que passou a ocupar em números seguintes. Segue-se-lhe, a 25 de Fevereiro um primeiro texto sobre “O álcool e os seus derivados”, um dos temas que mais a interessou. Explicita o uso dos termos que emprega:

“Por alcoolismo devemos entender um envenenamento crónico pelo uso habitual do álcool sem que seja necessário produzir-se a embriaguez. O vício do álcool é o pior e o mais perigoso que o homem pode adquirir. Arrasta-o á mais baixa degradação moral, e constitue um verdadeiro flagelo da humanidade.

O maior perigo do alcoolismo não está só nos estragos que produz no indivíduo – oxalá se limita-se a isso, – mas sim na transmissão á sua prole de condições várias de receptividade de doenças físicas e morais, do próprio vício.”¹¹

Aliás a luta anti-alcoólica servirá de mote para palestras relacionadas com o combate à prostituição em que se envolve de modo particular estando mesmo vinculada à Liga Abolicionista e à organização dos congressos por ela promovidos, nomeadamente em 1925 e 1929.

Utilizando dois formatos distintos, nos textos que subscrive, emerge também a consciência de leitores distintos. Assim, a linguagem elaborada acompanha os textos de divulgação para um público adulto mais culto, capaz de apreciar a documentação que sustenta as suas prelecções científicas. Aliás, essa mesma preocupação é veiculada por Nogueira de Brito num texto editado no mesmo número:

“a CGT não cumprirá sómente a sua missão na simples fiscalisação do seu movimento confederal ou no funcionamento pontual das suas células [...] a CGT não pode ficar por aqui na sua função educativa. Deve promover conferências que comentem e documentem problemas artísticos e científicos não as limitando a ramos especiais do saber humano. [...] este programa de instrução deveria ter um carácter irradiativo pelos sindicatos, que assim proporcionariam aos

¹¹ Adelaide Cabete, *A Batalha, Suplemento Literário*, n.º 13, Lisboa, 25 de Fevereiro de 1924, p. 5.

seus agremiados condições de cultura espiritual e chamariam a sua atenção para tudo o que neste campo interesse á vida moderna. As conferências mais palpitantes, seriam vertidas em opúsculos que constituiriam um excelente meio de propaganda e uma apreciavel fonte de receita, para o que aproveitaria o tipo que entrasse na composição da noticia, tanto quanto possivel completa, a dar para *A Batalha*.”¹²

Em contrapartida, a mesma temática é abordada sob a forma de diálogo entre mãe e filha nas palestras sobre higiene, promovendo o combate à ignorância generalizada sobre assuntos tão urgentes quanto os da proliferação de doenças contagiosas pela falta de práticas de higiene adequadas.

Adelaide Cabete revela, deste modo, o seu precoce empenho na defesa dos direitos da criança – que, neste mesmo ano (1924), foram aprovados pela Sociedade das Nações em forma de carta, em Génève. Esta ruptura de paradigma levará a grandes alterações na forma como a criança e os temas com ela relacionados são tratados.

Deixando de ser vista como um indivíduo em ponto pequeno, mas com especificidades a atender, a criança será alvo de grande interesse por Instituições e Organizações das quais se releva o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914- 1947), liderado por Adelaide Cabete, até à sua morte, em 14 de Setembro de 1935. Sabendo que o CNMP integrava um grande

¹² Nogueira de Brito, *A Batalha, Suplemento Literário*, n.º 13, Lisboa, 25 de Fevereiro de 1924, p. 2, col.1-2.

número de mulheres cuja profissão era a docência tal facto não representará um acaso.

Toda uma série de movimentações foi sendo registada ao longo dos anos no sentido de desenvolver mecanismos de apoio à criança e de modo pioneiro em Portugal.

“No estrangeiro não há ainda o ensino da puericultura na escola infantil, executa-se sim, mas sómente como exercício e como parte recreativa e não como parte pedagógica, pelo menos, não a vi na America do Norte nem na Belgica onde estas escolas são consideradas como modelos Mas eu apresento esta ideia como tese.

E que ensinamentos uma criança dos 5 aos 7 anos pode adquirir brincando com as bonecas, com as suas colegas e com a sua professora!

Desta maneira, as pequenitas nunca mais esquecerão o que aprenderam e levam até para as suas casas estes conhecimentos úteis, coisas estas que as proprias mães muitas vezes ignoram.

Uma criança de 5 a 7 anos aprender a lavar um bebé (representado por uma boneca de celeloide ou de borracha) tendo, já se sabe, o material didatico adquado. Ficam assim sabendo que a agua não deve ir além de 36 graus para não suceder como relatam os meus colegas Vigne e Gardere que uma mãe tirou do banho uma filhinha a pelar-se só por não ter o costume de pôr a mão dentro de agua para notar a temperatura, já que não tinha o respectivo termometro. Pode aprender a maneira como há-de pegar no bebé e no algodão e quais as partes do corpinho que deve lavar primeiro, o cuidado

que deve haver ao lavar a parte superior da cabeça onde os ossos não estão ainda unidos e que apesar de tudo, e embora com cautela, se deve lavar para não se formar a moleirinha que só resulta da falta de higiene por as mães não quererem lavar essa região.”¹³

Contudo estes passos tiveram um acompanhamento desigual pelos diversos sectores sociais do nosso país. A lucidez de Cabete a par de uma ironia ímpar fê-la constatar:

“É que o povo português para receber uma ideia progressiva, bela e civilisadora precisa que lhe digam ter vindo do estrangeiro. É preciso que ela passe pelo tunel do Rocio ou que desembarque no Terreiro do Paço. Iniciativas portuguesas, só aceitam a dos descobrimentos marítimos, e parece que cristalisaram neste belo gesto. Fôra desta gigantesca empresa, falando-se de qualquer outra, a resposta é sempre dizendo que não está ainda aceite lá fora e, como é que Portugal quer essa primasia?! ”¹⁴

Se mais não fosse bastaria relembrar as palavras de Fernando da Silva Correia (higienista e publicista

¹³ Adelaide Cabete, “O ensino da puericultura na escola infantil” In *Alma Feminina*, Teses apresentadas ao Segundo Congresso Feminista Português, Ano XII (XIV), Março e Abril de 1928, pp. 11- 12.

¹⁴ Adelaide Cabete, “O ensino da puericultura na escola infantil”, in Tese apresentada ao 2.º Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Typ. da Cooperativa Militar, 1928, p.11.

contemporâneo da médica), recolhidas da conferência intitulada “Alguns Aspectos do Problema da Protecção à Infância em Portugal” proferida em 19 de Outubro de 1930:

“Portugal possui uma das mais notáveis legislações de protecção à infância de todo o mundo. Entretanto a maior parte dos portugueses desconhece-a, e, sendo dos mais honrosos títulos de glória para o regime republicano, essa legislação é ignorada e inapreciada pela maioria dos partidários do regime”¹⁵.

Adelaide Cabete notou estes aspectos muito em particular, e cedo. Logo ao participar no estrangeiro, no congresso realizado em Gand, como fez questão de salientar:

“O ensino da puericultura há 15 anos que foi introduzido no Instituto Feminino de Educação e Trabalho (Odivelas) mesmo ainda muito antes dêle estar indicado nos programas oficiais. E’ notável vêr o interesse com que as minhas alunas me contam na aula tudo que encontram no bebé que elas, no proprio Instituto, tratam e assistem. Já em 1913, num modesto trabalho que enviei ao Congresso Internacional de Ocupações Domésticas que se efectuou em Gand (Belgica) focava que estas alunas eram de solicitude tal que excediam a de muitas mães. Já não se pôde dizer, pelo que acima fica exposto, que Portugal tenha descurado este assunto.”

¹⁵ In *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, 1ª Série, Porto, Imprensa Portuguesa, 1933, p. 226.

Ou na tese que apresenta diante do 2.º congresso feminista e de educação, em 1928¹⁶ na qualidade de médica escolar:

“Poderá parecer á primeira vista que o estudo da puericultura na escola infantil, viria acarretar grandes dispendios. Nenhuma medida mais económica podia beneficiar a humanidade do que esta. Quanto a pessoal, temos professoras especializadas para o curso maternal e infantil que podem rivalizar com as que existem no estrangeiro. Posso afirma-lo com conhecimento de causa.”

A exposição dos mais variados temas ligados à puericultura revela contornos de profunda preocupação para com as camadas mais desfavorecidas da população, por parte de quem tinha, desde a mais tenra idade, passado privações. Nascida no Alentejo, no seio de uma família humilde, quase paradoxalmente, haveria de ser o casamento a proporcionar o acesso à alfabetização, ao conhecimento e à ciência.

Foram etapas bem conseguidas num curto espaço de tempo, entre os 18 e os 33 anos passou do analfabetismo (a que estavam votadas a vastíssima maioria das mulheres portuguesas – refira-se que, em 1900, ano em que conclui a sua licenciatura, a taxa de

¹⁶ Adelaide, Cabete, “O ensino da puericultura na escola infantil”, in *Tese apresentada ao 2.º Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Typ. da Cooperativa Militar, 1928.

analfabetismo rondava os 98%) a uma minoria culta, no exercício de uma actividade invulgar entre mulheres.

Neste aspecto gostaria de ressaltar o facto de que, ao contrário do que se verificava com as suas pares de lutas pela emancipação das mulheres, Adelaide Cabete era a única a não ter tido berço ao passo que as outras feministas, que a história das mulheres tem permitido trazer ao nosso conhecimento, Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo, para só nomear duas das suas principais pares eram “bem nascidas”.

A sua vida espelhou a capacidade de empreender batalhas em prol de outros. Os seus irmãos foram por si apoiados, tendo chegado a estar juntos, para além da médica, sua irmã, a dentista Maria Brasão e seu sobrinho, filho de Jerónimo, Arnaldo, advogado, com consultório no mesmo prédio, conforme o atestam anúncios insertos na *Alma Feminina*, o órgão do CNMP (Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas).

Médica Obstetra e Ginecologista, teve por mestre para a cadeira com título idêntico Alfredo da Costa, Professor de Medicina e investigador para estas temáticas. O tema escolhido para dissertação dizia respeito às mulheres grávidas e em particular às mulheres pobres, de onde se releva o facto de a debilidade dos filhos ser diametralmente proporcional à deficiente alimentação, e, sobretudo, à falta de descanso da mãe.

A si se devem inúmeras batalhas, das quais salientamos as que pugnavam pela defesa das condições materno-infantis e pela legislação em torno da maternidade. É evidente o esforço em advogar pelas mulheres mais desfavorecidas para quem preconiza a licença pré-parto. A relação entre o peso dos recém-

nascidos e a taxa de sobrevivência foram variáveis por si estudadas.

Hoje, temos comprovada esta relação com o maior peso do feto, sobretudo ganho nas últimas semanas do período de gestação. Por sua vontade as mães trabalhadoras com menos recursos deveriam ter sustento assegurado no termo da sua gravidez de modo a obviar os danos provenientes dos aspectos atrás mencionados. À época os registos eram ainda poucos, mas as conclusões sérias. A mulher cujas condições materno-infantis eram desfavoráveis concorriam para uma elevada taxa de mortalidade infantil.

Os dados referidos por Adelaide Cabete eram também secundados nos textos do Professor Costa-Sacadura, uma autoridade para estas questões no nosso país, preocupado também com a renovação das gerações. Nas suas palavras:

“Em 1924 apresentei eu na mesma Sociedade [Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa] números estatísticos que me levaram a afirmar:

A nossa natalidade decresce; A nossa mortalidade aumenta;

A taxa de nupcialidade diminui; A nossa raça definha.

Acrescentei ainda nessa ocasião: ‘E entre as numerosas causas dêste decrescimento e dêste definhamento, não podemos deixar de considerar, como factor primordial, a prática das teorias neomaltusianas, aconselhando a profilaxia

anticoncepcional e o abôrto criminoso livremente praticado.”¹⁷

A actualização destes números, tanto quanto o permite o lamentável atraso da publicação das nossas estatísticas, menciona, comprovam o que afirmara.

Estas razões são também invocadas por Adelaide Cabete ao fazer a apologia da amamentação materna em detrimento da artificial ou da mercenária. Para além de questões de outra ordem, aprofundadas em estudo a apresentar ulteriormente, retoma aspectos que soam familiares lembrando Rousseau, em particular o trecho de *Émile ou de L'Éducation*, em seguida transcrito, transportando-nos para o século XVIII¹⁸:

“Le devoir dès femmes n’est pas douteux: mais on dispute si, dans le mépris qu’elles en font, il est égal pour les enfants d’être nourris de leur lait ou d’un autre. [...] Mais la question doit-elle s’envisager seulement par le côté physique? Et l’enfant a-t-il moins besoin dès soins d’une mère que de sa mamelle? D’autres femmes, dès bêtes mêmes, pourront lui donner le lait qu’elle lui refuse: la sollicitude maternelle ne se supplée point. Celle qui nourrit l’enfant d’une autre au

¹⁷ Costa-Sacadura, “Considerações sobre o aborto criminoso em Portugal” in *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, Porto, Imp. Portuguesa, 1933, p. 11.

¹⁸ A este propósito veja-se ainda, Isabel Lousada, “Adelaide Cabete: entre a Eugenia e a Eugenética na defesa da Respublica”, *Livro de Homenagem Filipe Furtado*, Lisboa, Editora Caleidoscópio, 2009.

lieu du sien est une mauvaise mère: comment sera-t-elle une bonne nourrice? Elle pourra le devenir, mais lentement; il faudra que l'habitude change la nature: et l'enfant mal soigné aura le temps de périr cent fois avant que sa nourrice ait pris pour lui une tendresse de mère."¹⁹

Mas voltando à questão central do nosso estudo, da pesquisa feita ao longo do Suplemento *A Batalha*, que textos foram assinados e em que altura, por Adelaide Cabete, é a pergunta a que começamos por responder.

São, ao todo 21 artigos, compreendendo dois anos de publicação, 18 de Fevereiro de 1924 a 16 de Novembro de 1925 publicados entre os números 12 e 103. Destes, 14 dizem respeito à Secção "Palestras sobre Higiene"; 5 são relativos à batalha que trava contra o alcoolismo, um dos quais escrito como diálogo entre mãe e filha. Neste mesmo formato são redigidos o texto referente às touradas e o texto sobre os Animatógrafos. Em seguida enumero, pela sua dificuldade de acesso²⁰, os títulos dos seus artigos, na íntegra:

1. Secção "Palestras sobre Higiene":

1.1. O organismo humano, n.º 12,

1.2. Os micróbios, n.º 14,

1.3. Os perigos das crianças beijarem os cães, n.º

16,

1.4. Água fervida, n.º 30,

1.5. O perigo de andar descalço, n.º 36 ,

1.6. Calvície e o reumatismo, n.º 39,

¹⁹ Rousseau, Jean-Jacques (1971) "Émile ou de L'Éducation " in *Oeuvres Complètes*, Paris, Éd Seuil, p. 25.

²⁰ Microfilmes da BNP nem sempre com a qualidade desejável.

1.7. A exposição às poeiras dos ouvidos das crianças é causa de surdez, n.º 40,

1.8. O perigo das frutas verdes e das mais maduras, n.º 43,

1.9. O ar, n.º 44,

1.10. A circulação do sangue, n.º 56,

1.11. A respiração, n.º 59,

1.12. O gás carbónico e os engomados, n.º 69,

1.13. Digestão, n.º 87,

1.14. Função dos glóbulos do sangue, n.º 103.

2. Textos relativos à Luta travada contra o Alcoolismo:

2.1. O Alcool e os seus derivados, n.º 13,

2.2. O Alcool não estimula nem alimenta; mata!, n.º 15,

2.3. A acção nefasta do alcool no organismo, n.º 18,

2.4. A luta anti-alcoolica, n.º 23 e n.º 24,

2.5. A embriaguez: Diálogo entre mãe e filha, n.º 53,

2.6. As Touradas: Diálogo entre mãe e filha, n.º 47,

2.7. Os Animatógrafos: Diálogo entre mãe e filha, n.º 65.

Poder-se-á perguntar então, o que distingue o pensamento de Adelaide Cabete entre o que faz sair no suplemento de *A Batalha* e os outros, inúmeros periódicos em que colaborou? Os assuntos são basicamente comuns e na sua grande maioria repetem-se. Tal facto fica a dever-se a um grande empenho que se manifesta constante e coerente, que não abandonará nunca, dado que as preocupações de ordem científico-

social subjazem a toda a sua actividade, e o quadro de circunstâncias não muda repentinamente. Também em *Alma Feminina* deixa claro serem estas temáticas as dilectas e na “Agenda” desta publicação, que dirige ao longo de duas décadas.

No entanto, importa reflectir acerca da sua capacidade de luta e intervenção pela escrita destes artigos. Em especial quando se reporta à luta anti-alcoólica a sua atenção está dirigida para fazer passar a mensagem em torno da questão, no plano científico, não deixando nunca de atender ao plano social. A título de exemplo, refira-se que sonda as medidas e reformas sociais adequadas ao ajustado combate a este flagelo humano.

A própria ilustração que acompanha os artigos revela cabalmente a extensão do problema. Numa imagem cuja dramaticidade é explícita pode ver-se um homem embriagado, jazendo no chão tentando soerguer-se e à distância uma figura de mulher com um filho no colo e outro encostado às suas pernas, atrás de uma porta, encondendo-se, onde os semblantes de medo são a moldura de enquadramento. (V. n.º 13 “o homem bebado por André Gill”)²¹.

Nas palestras sobre higiene o constante interrogar da filha à mãe leva a explorar de um modo pedagogicamente louvável as questões tão candentes quanto a da disseminação de doenças no quadro do contágio em que os micróbios são os principais obreiros.

Registe-se que uma das principais causas de morte infantil advinha de gastroenterites, infecções

²¹ A Batalha, *Suplemento Literário*, Ano I, n.º 13, 25 de Fevereiro de 1924, p.5.

graves tais como pneumonias, tosse convulsa ou tuberculose e, a célebre, pelas piores razões, “pneumónica”:

“P – A mãe está sempre a falar-me de micróbios e eu sem saber o que isso é. O que é um micróbio? R – é um ser tão pequeno que só o podemos ver com uma lente, isto é um vidro de aumentar ...”. P – Como é que nos podemos livrar deles, se estão em toda a parte? R – fazendo toda a diligência de termos o mássimo asseio no nosso corpo como em tudo o que nos rodeia”.

A tónica tendente a eliminar o contágio foi-se acentuando notoriamente ao longo da sua carreira. Também noutros textos condena a falta de cuidado das mães face à contaminação de terceiros por descuido dessas incautas acções como a de transportar crianças doentes em transportes públicos, nomeadamente o eléctrico. Pela tosse muitas das doenças infantis acima lembradas proliferavam, ao invés de ficarem restritas a um número facilmente controlável e de fácil erradicação atendendo às condições higiénico- sanitárias adequadas.

Não será caso para evocar os quadros que traduzem precisamente hoje em dia a mensagem nas unidades hospitalares, quanto à transmissão por exemplo, de vírus gripais? A preocupação é precisamente a mesma. Nesses somos alertados para a necessidade de repetir actos e gestos tão simples como lavar frequentemente as mãos. O mesmo acontecia com os textos escritos por Adelaide Cabete, em termos muito simples, por vezes, mas que pugnavam pela emergência

de medidas de higiene consentâneas com a demanda sanitária urbana emergente.

Não deixo de estabelecer uma comparação que peca por trivial mas que chama a minha atenção. Sabendo que as taxas de analfabetismo eram tão elevadas, sabendo que os jornais à época circulavam por muitas mãos para além do exemplar vendido, não seria missão de quem nele escrevia esta função de educar que perpassava os próprios objectivos do anarco-sindicalismo na vertente de exercício de cidadania de quem colabora com os seus órgãos?²² É justamente a este aspecto que deve relevar a natureza de publicista – epíteto tão frequentemente aplicado às feministas desta época.

Os textos editados em publicações periódicas serviam de “ilustração” às camadas mais pobres, muitas vezes, lidos em tabernas por e para muitos. Por outro lado, quem eram os educadores? Quem educava? Nas classes mais abastadas eram as mulheres? Ou, eram os preceptores. As “mademoiselles”? Quando se pretendia remeter exclusivamente a mulher para o foro doméstico era unicamente para que providenciassem e assegurassem a educação da sua descendência? Ou estamos perante um sofisma?

Mesmo no movimento anarco-sindicalista se promove um inquérito, do mesmo modo que noutros

²² Atente-se no estudo de António Candeias sobre a Escola/Oficina n.º 1 – de modelo anarquista. Nela ensinou Deolinda Lopes, mulher de Pinto Quartim – redactor principal de *A Batalha*, ela própria iniciada na Maçonaria – proposta por Adelaide Cabete, na loja humanidade. V. loja 776. Direito Humano.

espaços, interrogando-se os sindicalistas acerca da importância do ingresso feminino no mundo do trabalho. Eram tempos difíceis estes do início do século XX para as mulheres, sobretudo as operárias, as mais pobres. Consciente de que esta era uma das questões candentes da sua época, “Alma Humana”, que não “alma de mulher”, esse facto terá permitido em minha opinião a Adelaide Cabete viver, como tantos outros, idiossincrasias difíceis de aceitar por feministas radicais. Assim, assumo a leitura que faz da amamentação ou aborto, por exemplo.

Médica antes de ser feminista, entende as batalhas a que não quis furtar-se ampliando para tal o seu horizonte de expectativas, abraçando todo o terreno a que pudesse chegar. Aquela que não deu nunca à luz, afirma com toda a propriedade “Para ser mãe, não basta sê-lo, é preciso saber sê-lo!”²³ Designada por quem desenha a sua biografia mãe adoptiva de seu sobrinho Arnaldo Brasão, célebre jurisconsulto da nossa praça, encontra-se desde sempre na defesa das condições materno-infantis dos mais desfavorecidos.

Não encontra pano de fundo para se bater pelo sufrágio em *A Batalha*, dado o horizonte meramente sociológico deste modo de pensar que tem em linha de conta as circunstâncias da sua participação.

A própria republicana que assumidamente foi Cabete, se sente defraudada, como tantas outras, pela não cedência de voto às mulheres já em plena República.

²³ Adelaide Cabete, “O ensino da puericultura na escola infantil”, in *Tese apresentada ao 2.º Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Typ. da Cooperativa Militar, 1928.

Ela que, como se refere amiúde, bordou também a bandeira a ser hasteada em 5 de Outubro de 1910, haveria de bater-se, em sede própria pelo sufragismo. Contudo, haveria de dirimir os seus adversários em outros campos ideológicos. Inteligência, sagacidade e empenho não faltaram a esta grande mulher que chegou a ter o prazer de votar em Angola, corria o ano de 1933, exactamente dois anos antes da sua morte.

Em síntese, atente-se no seguinte: o feminismo de Adelaide Cabete radica, em meu entender na sua qualidade de cientista/médica, estatuto que conquistou por mérito, e no empenho que colocou ao serviço da missão que encarou como uma verdadeira vocação.

De uma trama de fios se estabeleceu uma teia ... ou teria sido o inverso? - e é por ela - afinal, trama ou teia, que nos reunimos em Congresso, no caso vertente, em torno da alma humana de uma das maiores médicas feministas portuguesas, como penso gostaria de ser lembrada!

Termino partilhando um excerto de João dos Santos retirado de *Ensinaram-me a ler o mundo à minha volta*:

“Julgo ter aprendido muito com as crianças silenciosas e com os que sabem colocar-se ao seu nível. Alguém disse um dia que via mais longe porque tinha andado aos ombros de gigantes. Pela minha parte direi que tive a sorte de ter andado aos ombros de gigantes para ver o que está longe e de caminhar ao nível dos

pequenos para ver melhor aquilo que está perto.”²⁴

O mesmo terá sucedido a Cabete. É o que depreendemos das conclusões que apresenta em 1928 na tese²⁵ que sustenta perante o 2.º Congresso Feminista e da Educação de Lisboa de que foi também promotora ímpar, quer na organização quer na sua incondicional defesa. O seu legado extrapolou os seus escritos, mas deles também muito se pode retirar. Ouçamo-la!

1.^a – Não basta ser mãe é preciso sabê-lo ser.

2.^a – Quanto menor é a ignorancia das mães, menor é a mortalidade infantil.

3.^a – A mortalidade infantil diminue com o estudo da puericultura.

4.^a – O estudo da puericultura deve principiar a fazer-se na escola infantil.

Adelaide Cabete
Médica

Nota Final: Esta comunicação é subsidiada por um leque amplo de trabalhos de origens tão dispersas quanto a dos seus autores, igualmente estruturantes, pois complementares: Joaquim Mário Cortes Eduardo com a tese de mestrado, orientada por Anne Cova, *Adelaide Cabete (1867-1935) uma Professora Feminista*

²⁴ João Santos, *Ensinarão-me a ler o mundo à minha volta*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007 p.83.

²⁵ Cabete (1928), *op. cit.*, conclusões.

(2004) e a sua comunicação sobre a médica, publicada em *O Longo Caminho das Mulheres* (org. de Lúcia Amâncio) (2007); Célia Rosa Batista Costa com a tese de mestrado *Contributo para a monografia do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Uma Organização Feminista* (2007); Maria Antónia Fiadeiro com *Maria Lamas* (2003); Ana Maria Costa Lopes com *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos da Modernidade* (2005); Regina Tavares da Silva com *A Mulher. Bibliografia Portuguesa Anotada (monografias, 1518-1998)* (1999); João Esteves através dos seus vários textos, em particular *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, *Revista Faces de Eva*, e site da UMAR; António Candeias com *Educar de outra forma – A Escola Oficicina n.º 1 de Lisboa- 1905-1930* (1994) e ainda a obra de Anne Martina Emonts, “Onde há galo não canta galinha” *Discursos Femininos, feministas e transgressivos nos anos vinte em Portugal. O Caso do Suplemento Literário e Ilustrado de A Batalha* (1923-1927), Lisboa, 2001.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

ISBN: 978-65-89557-34-0

